



AGO 1945
DEPÓSITO LEGAL



**MUNDO
GRÁFICO**

VESTIDA OU DESPIDA É SEMPRE BONITA

SALVA-VIDAS CAÍDOS DO AR

pelos tenente-aviador R. F. Delderfield,
da R. A. F.

NUMA manhã gelada de inverno, a tripulação de um Mosquito da R. A. F. caiu no Golfo da Biscaia a umas 200 milhas ao sul das Ilhas Scilly.

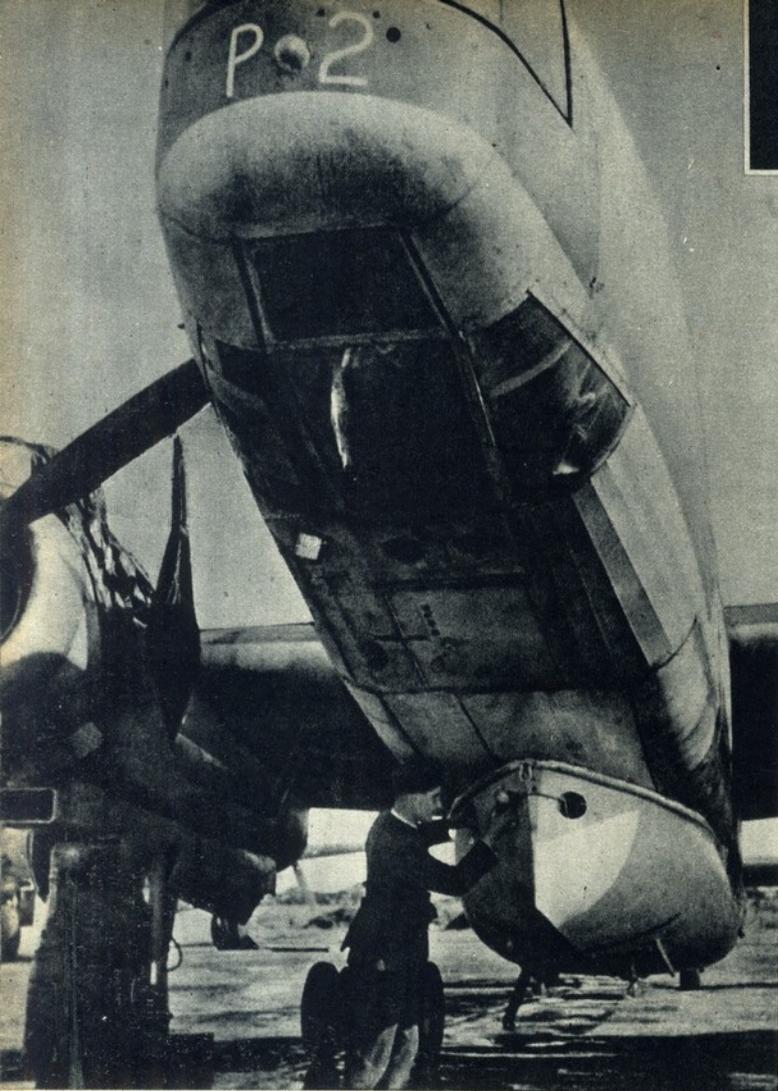
Conseguiram os aviadores meter-se no seu barquinho de borracha e foram localizados pelos Serviços Aéreos de Socorros Marítimos (A. S. R.). As condições de momento impossibilitavam o salvamento imediato. Foi só passados perto de quatro dias que estes dois homens foram trazidos para um porto da Cornualha. Poucos indícios davam da provação terrível por que tinham passado; estavam aparentemente bem e em boa forma. Deveram a vida, em primeiro lugar, à sua própria coragem e expediente, mas o seu salvamento nunca teria sido possível sem o salva-vidas aéro-transportado e largado do alto mar, a 187 milhas da costa, por um avião Warwick.

Foi a primeira vez que os Serviços Aéreos de Socorros Marítimos empregaram um Warwick para esta tarefa especial. Isto passou-se há pouco mais de um ano e este salvamento evidencia-se como uma das operações mais laboriosamente bem sucedidas na história duma organização nova.

O trabalho dos Serviços Aéreos de Socorros Marítimos é bem conhecido. Nascidos na tormenta que precedeu a Batalha da Grã-Bretanha, não chegou a constituir uma Direcção Geral do Ministério do Ar, senão em 6 de Fevereiro de 1941.

Muita aparelhagem nova foi concebida, experimentada e incorporada neste serviço durante toda a guerra, mas a inovação mais importante introduzida foi a do salva-vidas aéro-transportado. Este expediente revolucionário vai influir de maneira importante na renovação dos métodos de salvamento no mar, depois da guerra.

(Continua na pág. 29)



O salva-vidas, ao ser fixado num avião Warwick



Com as velas içadas e os motores prontos para funcionar, a tripulação que se salvou faz rumo para porto de salvamento

Estes barcos salva-vidas têm todos os instrumentos necessários para a navegação, podendo percorrer grandes distâncias



REFLEXOS DO MUNDO

A intransigência...

Conta-se nas redondezas da Universidade de Oxford a história de um professor carrancudo que se recusava a reconhecer a existência de raparigas estudantes que, por causa da guerra, a pouco e pouco iam sendo em maior número que os rapazes. Normalmente, começava as suas lições às classes mistas com as sacramentais palavras: «Meus senhores».

Quando na classe estavam catorze raparigas e dez rapazes, a esmurre, parecendo ignorar completamente a presença das raparigas na mesma começava as lições com «Meus senhores».

Um belo dia, finalmente, encontrou ao entrar, na classe, quarenta e nove raparigas e um rapaz. Imperturbável o professor começou a lição dizendo: «Senhor».

(De Wall Street Journal)

A necessidade faz o engenho

No seu «apartamento» em Londres, Sir Thomas Beecham, foi uma vez vítima do gosto desenfreado de um vizinho pela telefonia e pelo gramofone. Com a paciência esgotada, Sir Thomas resolveu convidar os aspirantes a membros da Orquestra Sinfónica de Londres para fazer os seus estudos enquanto o vizinho se deliciava ao som da música da telefonia ou do gramofone. Todas as manhãs, uma bateria

completa de instrumentos metálicos, constituída por trombone, trompetas e tubas fazia uma barulheira infernal. Dentro de uma semana, o desenfreado vizinho, pedia um armistício.

(De News-letter)

Uma profecia de Mac-Arthur

O pai do general Douglas Mac-Arthur, general Arthur Mac-Arthur, foi o primeiro go-

vador militar das Ilhas Filipinas, depois da ocupação destas pelos Estados Unidos após a guerra hispano-americana de 1898.

Quando o General Arthur voltou de Manila, as suas histórias influenciaram do tel maneira o filho, à data cadete de West Point, que logo que saiu pediu para ser mandado para as Filipinas. Destacado para a Engenharia, ali esteve de 1903 a 1904

No momento em que estão reunidos, os chefes dos estados vencedores, com Churchill, é justo recordar a conferencia de Yalta, onde se destacou a grande figura do presidente Roosevelt, que se vê nesta fotografia entre Staline e o primeiro ministro inglês



construindo ruas e pontes e aprendendo a respeitar as qualidades guerreiras dos Filipinos.

Vinte anos passados, depois de ter prestado serviço na primeira guerra mundial, Mac-Arthur, então General-Brigadeiro, foi de novo enviado para as ilhas. Um dia, um amigo, oficial da marinha, levou-o num cruzeiro pelo Corregidor e Bataan. Olhando para a longa península o general disse práticamente: «Um dia os japoneses atacarão as Filipinas e eu combatê-los-ei em Bataan».

(De Daily Express)

Bem pensada

Certo geroto, cabeça de marca, um belo dia perguntou ao pai: «Porque é que o pai assina sempre com um «X» as comunicações que a Escola manda das minhas notas?»

O pai respondeu-lhe enfadado: «Não quero que nenhum professor pense que alguém que



Acabada a guerra, desaparecem as defesas de Londres

saiba ler e escrever tenha um filho como tu».

(De Contributed)

Com **NIVEA**
ao ar e ao sol!

As crianças antes de se exporem ao sol na praia devem ser cuidadas com Creme Nivea ou Oleo Nivea. Friccionando o corpo em seco com Nivea a pele adquire um tom moreno, fica macia e defendida das queimaduras de sol. Nivea produz efeitos refrescantes.



Preço desde 6\$00

Pestana, Branco & Fernandes, Lda
39, Rua Sapateiros, Lisboa



Quadros da ante-guerra

Três motoristas e um auto

HESITEI muito. Reconhecia, naquele meu micro-mundo, a urgência da aquisição de um auto. Sonhava alegrias. Atormentavam-me as complicações técnicas e financeiras. Mas se ali todos possuíam ligeiríssimos, aero-dinâmicos carros, numa multiplicidade inverosímil de marcas, procedências e ajustes cosmopolitas das carrocerias e motores!

Marcaris, também, a sigla da minha prosperidade, e denotaria, na escolha cautelosa e estética, o meu bom gosto. Cuidei de amellar para a primeira paga de letra. Tudo barattíssimo. As facilidades, incríveis, desabavam-me aos pés. Era a colheita da prosperidade, o trepar agigantado e asfixiante dos minúsculos e permanentes eras — quando instaladas em terra de bom adubo e águas correntes. Um «chalet» alegre, os arbustos verdejantes e cromáticos nas flores, a enlazar-lhe as brancas paredes, o motor, jovem e saltarino, a pingar óleo novo, a trepidar na sua agilidade inexperiente. Eis os sinais exteriores da vida repousante desse micro-mundo; e, ainda, a sorte do meu carro possuir a virtude de uma carroceria proto-tipo, desenhada por gentis mulheres exclusivamente para o «Fordson».

Nunca eu, porém, pegara num volante. Ora, ali mesmo, se os autos se contavam por milhares, os motoristas escasseavam. Descobri, afinal, um que só guiara camionetas. Alto, português, lembrava-me um feijão carapato, crescido desajeitadamente e mirrado dos ponta-pés da vida, contratei-o, a título de experiência. Ele pegou-me no carro, com a semcerimônia gingona do seu ar afastado, cuspiu nas mãos, olhou de revez e, segundos depois, largava-se uma velocidade louca. Na estrada torcicelante, montanhas arribo, em leito estuado de lavas relinchando como pedras meio queimadas pelo longínquo arfar plutónico, os conicos vulcões fugiam naqueles cem à hora. Ao alto da estrada, no cruzamento da casa do inglês, um guarda

berrou uma recomendação da ordenança municipal, mas o homem estava possesso e não quiz saber de nada. Eu levava a família dentro. Todos protestávamos, e o motorista, endoidecido, só parou à porta da minha pequena casa. Ali, num salto de palhaço, saltava e, antes de nada gritou:

— O senhor não quer, não é verdade? Não sabe andar com esta gente? Tome! Afica...

E antes que eu protestasse, largou-me a porta nos dedos da mão direita. Ainda tenho o maior assinalado com a côrte que me fez: estava ebrio e os policiais recolheram-no em estado de absoluta «tilização» — como era de moda dizer nesses tempos.

O carro ficou, como um legatário esventrado; até que, dias passados, no seu deservorado abrigo, à beira do caminho, um desaprensivo guaidor da camioneta recolhedora dos detritos domésticos, à falta de uma pequena peça qualquer, lhe levou toda a caixa de ferramentas e um dos potentes faróis. Eu sentia as dores da cicatrização. Assim que acalmaram, fui à sucursal «Fordson» comprei outra caixa de ferramentas e outro holofote. Cansteei um motorista experiente. Andava slusado e calado, até que as proximidades da guerra civil lhe destaparam as gualas: debaixo da almofada, guardava a blusa azul do «falangismo», passou a servir um patrão aventureiro que, por fim desarareceu e ficou a dever meses guardados de ordenado. E ele, placido voltava a distribuir águas e gazes concentradas em pequenas garrafas inofensivas e servicais.

O terceiro motorista do meu bamboleante pigmeu: — tão minúsculo, tão emagrecido, tão apantado, que só as contingências da guerra explicam a conversão daquele homunculo em guaidor de responsabilidade. Usava um nome e apelidos heráldicos e impropriados. Mas a ignorância, não era tão longa quanto a linhagem. Exigente e discutidor, ameaçava

sempre os jurados mixtos. Ou seja ali, com o organismo designado em Portugal: Tribunal de Arbitros Avindoures. Depois de nos ter morto, de susto, meia dúzia de vezes, acabou por quebrar o veio do carro em plena rua. Fugiu. Designado, levei o auto para uma casa de reparações. E paguei tudo caladamente. Quasi no dia de saída do «hospital» automobilístico, apareceu-me uma contra-fé: o meu motorista n.º 3 demandava-me por cinco mil pesetas, mais cinco mil para o Tribunal. A sentença era de execução imediata. Eximi-me a ela vendendo, por três mil, para mim o carro que tão alegremente comprara e tão aliciado me deixava...

S. P.

REFLEXOS DO MUNDO

Os homens não se medem aos palmos

O almirante Sir Walter Cowen, actualmente de setenta e três anos de idade, foi mandado, há cerca de quatro anos, para o Médio Oriente com uma unidade de Comandos. Não tendo mais de cinco pés e duas polegadas de altura é tão rijo e corajoso como qualquer dos oficiais subalternos, todos tão novos que podiam ser seus netos.

Desde então, teve inúmeras aventuras. Tomou parte no «raid» dos Comandos a Bardia etc. Uma vez estava seriamente em apuros para sair de uma vala funda. Com a sua pequena estatura não o conseguia fazer.

Um enorme oficial escocês ajudou-o.

«Olá, Evelyn, é muito gordo», disse

ele julgando tratar-se do seu ajudante, o Capitão Evelyn Waugh.

«Não sou Evelyn nem sou gordo», replicou indignado o pequeno almirante. «E senão você facilmente teria subido».

(De *Evening Standard*)

Esta aconteceu...

Num dia de folga, certo coronel das Forças Americanas na Austrália, resolveu fazer uma caçada aos cangurus. Armado da sua espingarda favorita saltou para o «jeep» e deu instruções ao rubricando «chauffeur» para seguir para a pradaria. Confundido mas obediente, o soldado que era de Geórgia, seguiu as instruções e em pouco tempo encontravam-se em perseguição a um enorme canguru que fugia a toda a velocidade. A corrida seguiu-se durante cerca de quinze minutos, dando o «jeep» pulos e mais pulos sobre o terreno. Finalmente, o rapaz voltou-se para trás e disse:

«Meu coronel, não vale a pena continuarmos a perseguir aquela coisa».

«Que queres dizer, Sam?» gritou o coronel.

«Vamos neste momento já a 65 milhas à hora e aquela criatura ainda não precisou de pôr as quatro patas no chão».

(De *South Pacific Mail*)

Como eles crescem

Em cada cinco pessoas, no mundo, há um chinês. Apesar de inundações, fomes e guerras, os chineses continuam a reproduzir-se em números tão astronómicos que se os vissemos a marchar a quatro e quatro, em determinado ponto, nunca mais acabariam; haveria sempre chineses para se virem colocar na cauda dos que marchavam.

(De *Little Missionary*)

Hora Bemdita!

Pelo eter prepassa o fluido electrizante!

Que o espirito subjuga e faz estremecer

Em êxtase noss'alma freme, exuberante,

Com a sensação de respirar, viver!

E «Grande Pesadêlo», o pêso insuportável

Do «Monstro insaciável», audaz e devorante

— Que torna a hora próxima no instável —
De fauces ciclópicas, enorme e apavorante

Cessou essa tarefa, parou essa colheita

De vidas e haveres, sem conta nem medida,
Na fúria insana que tanta dor nos traz.

A Guerra terminou, Nova Aurora espreita

Que por todo o Mundo é esperada e pressentida;
Surgem no horizonte a sublime, e ansiava Paz!

Luís Montes

HERPETOL

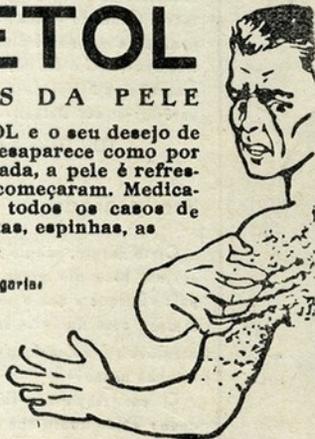
PARA DOENÇAS DA PELE

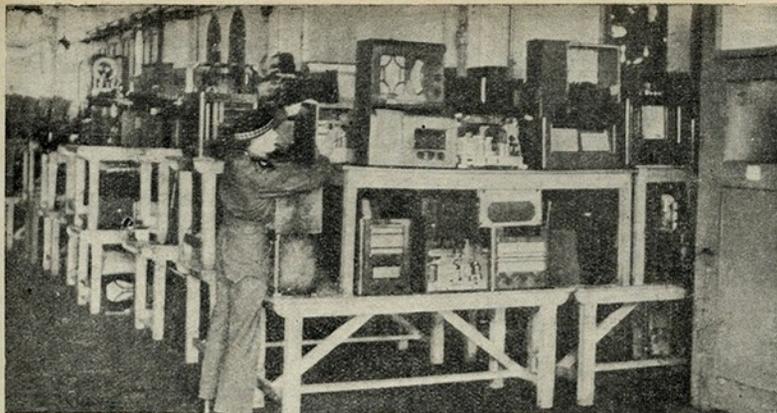
UMA GOTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as rupções ou ardência na pele.

El venda em tôdas as farmácias e drogarias

Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237
LISBOA





Os aparelhos de T. S. F. que os alemães apreenderam nos países ocupados

O CRIME DA GUERRA

por ARTUR PORTELA

O PÃO NOSSO



EMBORA todos nós reconheçamos a nossa dívida para com os lavradores que cultivam o trigo e para com a marinha mercante, que o traz de terras distantes, não nos ocorre porém, pensar que ao químico também é devida uma parte dos nossos louvores, pelo que êle tem feito para que o lavrador possa tirar o máximo rendimento de cada hectare.

O pêso de uma libra de sulfato de amônio pode, se fôr devidamente aplicada, fornecer uma quantidade de grão suplementar bastante para fazer um pão de quatro libras de pêso.

Na ciência e na prática da fertilização do solo, a Grã-Bretanha caminhou sempre na vanguarda. Entre 1781 e 1784, Cavendish foi o primeiro a extrair o azoto do ar; fosfato Tomaz foi descoberto por Lawes, sendo êste primeiro adubo químico preparado em escala comercial. Há um século Lawes e Gilbert deram ao mundo a sua primeira estação experimental de agricultura em Rothamsted, Inglaterra.

A química ao serviço do homem

Imperial Chemical Industries, Londres, Inglaterra



DERRAMOU-SE tanto sangue pelo mundo, caíram em ruína tantos lares, perpetraram-se tais crimes que não se pode abolir em nome de uma falsa piedade, que seria culpabilidade, o austero e indiscutível conceito da justiça. Em todos os tempos e através de tôdas as doutrinas, a guerra de agressão, que o mesmo é dizer, de conquista, foi considerada pela consciência universal um crime sem nome e, como tal, julgada e condenada juridicamente. Foi talvez, devido a longanimidade dos vencedores da Grande Guerra que esta, vinte e cinco anos depois de o clarim da vitória ressoar na Europa, iluminou como um relâmpago satânico a face dos homens, ainda quando as feridas da outra não estavam completamente cicatrizadas e se ajoelhavam sob as cruzes de madeira, disseminados pelo velho continente, as mães e as espôsas, cobertas de crepes, que à paz justa haviam dado o sacrifício do seu sangue e a eucaristia do seu amor.

Pois bem! Isso não impediu que o furor e a megalomania teutônicas desabassem de novo sobre a terra, reincidência imperdoável dos mesmos homens, com a mesma inflação doutrinária, embora com revestimento diverso e idêntica objectividade cruel e monstruosa, de imolar a um país e a uma raça dezenas de nações e de povos diferentes.

Teria isso acontecido se a guerra fôsse logo da primeira vez considerada um crime nefando e como tal levados ao pretório os seus provocadores e os seus condutores?

Não! Entre o intervalo das duas lutas, nazis e fascistas convertiam em carnaval os propósitos dos pacifistas mais puros, escarnecendo a Sociedade das Nações que, através das mais delicadas contingências representava, incontestavelmente, um esteio moral para os mais fracos. Basta fazer o processo da Alemanha desde a ocupação do Sarre até à invasão da Polónia para se vêr como se fôsse à clara luz do sol quem... foram, afinal, os responsáveis da hecatombe.

Quem quis a guerra?

A Alemanha!

Quando ocupou a Áustria apressou-se a declarar que nada mais pretendia. Era mentira!

Ao apropriar-se das zonas sudetas da Tchecoslováquia que nunca, territorialmente, em qualquer época lhe pertenceram, a sua voz de novo retumbou afirmando que nada mais exigia. Era mentira!

Mais tarde ao incorporar a Checoslováquia, anunciou mais uma vez, solenemente, que ficava por ali. Mentia pela terceira vez!

E mentiu também à Bélgica e à Holanda quando ractificou à sua neutralidade, à Noruega, aos Balkans, à Rússia depois de ter firmado com esta um tratado, a tôdas as nações, ao mundo inteiro, com uma desfaçatez de que o próprio Bismark, o que classificava os tratados de «farrapos de papel», se envergonharia.

(Continua na página 30)



General ALAN PIGOTT ★

ESTE homem, que ainda há pouco era um desconhecido, mesmo para a maior parte dos seus compatriotas, adquiriu rápida e inesperadamente uma enorme celebridade dentro e fora de Inglaterra. Foi-lhe cometida uma missão tão simpática como árdua. O tenente general Pigott está encarregado de dirigir os serviços de desmobilização das forças britânicas que combateram na Europa.

Depois de consideradas as exigências militares no nosso continente, por virtude da ocupação da ocupação do território do Reich, e na Ásia, por virtude da continuação da luta contra os japoneses, a Grã-Bretanha vai fazer regressar milhões de homens à vida civil. Conduzi-los com uma regularidade absoluta e com uma ordem metódica ao solo da pátria, de forma a que o seu regresso seja a primeira manifestação de reconhecimento da pátria pelos serviços prestados, tal é a missão que foi confiada ao critério, profissional do general Pigott.

Essa missão será desempenhada, certamente, a contento geral. Porque este homem sóbrio e modesto é um organizador de grande classe que afirmou já por mais de uma vez, em circunstâncias difíceis, a sua capacidade de realização e o seu poder de organização. Estas qualidades vão mais uma vez ser postas à prova triunfantemente na direcção dos serviços de desmobilização do Exército britânico.

Em relação à sua população metropolitana, a Grã-Bretanha foi de todos os países envolvidos na guerra aquele que deu a maior contribuição de potencial humano para que a luta tivesse um desfecho vitorioso. Essas actividades, dispersas pelos campos de batalha e pelas oficinas de material de guerra, vão agora regressar ao domínio das realidades úteis e pacíficas.

CRÓNICA INTERNACIONAL

OS ACONTECIMENTOS QUE SE PREPARAM

NO dia 5 deste mês realizaram-se eleições gerais em Inglaterra, para a escolha da nova Câmara dos Comuns. Nesse mesmo dia, as forças britânicas desfilarão nas ruas de Berlim e o pavilhão da Grã-Bretanha foi içado na capital do Reich. Esta coincidência deve considerar-se reveladora e fértil em motivos de meditação.

A Grã-Bretanha fez e ganhou uma guerra para cuja eclosão em nada contribuiu. Para levar a sua intervenção a um termo vitorioso, consentiu nos maiores sacrifícios e aceitou as mais duras provações. Não hesitou, um momento sequer, no cumprimento da sua palavra, quando esta se encontrava comprometida. De todos os países envolvidos numa luta de vida ou de morte contra o Reich, foi o único que nunca se considerou vencido e que combateu corajosamente do primeiro ao último dia. Não é de estranhar, por isso, que a bandeira que cobriu e guiou os seus soldados, os seus marinheiros e os seus aviadores flutue, neste momento, nas ruínas da cidade que foi o cérebro da agressão às suas próprias e indefesas cidades.

Este acto simbólico assinala o fim dum período histórico e o início dum período novo. Deste novo período da história da Inglaterra e da Europa, as eleições que, no meio da maior ordem, acabam de se realizar constituem um prólogo actual e revelador. Qualquer que seja o resultado, e este só será conhecido no dia 26 do corrente, a nação inglesa, pela afirmação segura do seu equilíbrio e da sua saúde política, pretende dar ao resto do mundo um exemplo que certamente será considerado em toda a sua significação e com todas as suas repercussões no domínio Internacional.

A Inglaterra votou serenamente. Em qualquer outro país seria difícil que, entre o acto eleitoral e a revelação do seu resultado, pudessem decorrer três semanas sem que a vida e o ritmo normal da actividade da população sofressem qualquer perturbação visível ou apreciável. Mas os ingleses cumprem o seu dever cívico com inteira isenção e podem aguardar, numa calma perfeita, o resultado da sua própria decisão.

Entretanto, esse período de três semanas será fértil em acontecimentos sensacionais. Estão em curso os últimos preparativos para a próxima reunião dos chefes da Grã-Bretanha dos Estados Unidos e da Rússia. Essa reunião será um dos mais importantes episódios políticos dos últimos tempos, pois nela vão ser tomadas decisões do mais largo alcance para o futuro da Europa. O Primeiro Ministro da Grã-Bretanha terá nela um papel correspondente à missão histórica que o seu país desempenhou na guerra.

Por toda a parte, no nosso continente, os motivos de preocupação multiplicam-se e a nenhum deles, pela natureza da sua função europeia, a Grã-Bretanha pode mostrar-se indiferente. De cada vez que isso acontece, os conflitos não fizeram senão agravar-se e os motivos de dissensão multiplicar-se. Em França e na Itália, na Grécia e na Bélgica, as preocupações dos dirigentes caminham a par com a inquietação dos povos. Terminada a conferência de San Francisco os homens de Estado pensam na próxima Conferência da paz e na sua realização rápida, a fim de se evitar a repetição de inconvenientes que já se fizeram sentir de maneira excessivamente pesada os seus inconvenientes.

CARLOS FERRÃO

A carta das Nações Unidas

A aprovação, na Conferência de S. Francisco, da Carta das Nações Unidas, é um acontecimento de transcendência na vida internacional que não pode passar sem uma referência calorosa. Os povos desejam organizar-se para a paz. Mal saídos da guerra mais terrível e mortífera que ainda enlutou a humanidade, o seu desejo veemente de não voltarem a ser vítimas do mesmo pesadelo afirma-se vitoriosamente.

A humanidade não perdoaria, decerto, aqueles que fizessem frustrar as suas aspirações mais elevadas e generosas. Se é incontestável que a guerra que acaba de ver o seu termo na Europa demonstrou de maneira inofensável que quaisquer que sejam os resultados as lutas armadas não compensam nunca os sacrifícios que a sua realização exige, nem por isso deixa de se impor uma organização racional e eficaz da paz de que a aprovação da Carta das Nações Unidas é o primeiro e o mais valioso passo.

A questão da Índia

Será desta vez resolvida a questão da Índia? As primeiras diligências enviadas não se sentiu, apesar das dificuldades naturais com que os negociadores estão lutando, são francamente animadoras. O governo britânico empenha nelas a boa vontade e o desejo de uma liquidação satisfatória das aspirações daquele país. Lord Wavell tem revelado, desde que assumiu as suas funções, qualidades diplomáticas que são um reflexo da sua magnífica estatura intelectual, pois se trata do primeiro escritor militar da Grã-Bretanha, e da sua alma de soldado. Os seus esforços não deixarão certamente de ser coroados de êxito pois val nisso o interesse da Grã-Bretanha, da Índia e da paz que precisa ser estabelecida em todos os cantos do mundo em bases sólidas e definitivas.

“Mundo Gráfico”

Há muito que esta revista é vendida em condições inferiores ao seu custo real. Mesmo quando as suas congêneres, para tentar cobrir o montante das despesas, elevaram o seu preço, nós, com pesados sacrifícios, mantivemo-lo. Somos, porém, forçados agora a fazê-lo, motivo por que o «Mundo Gráfico», a partir do próximo número, será vendido a \$80, preço idêntico ao das outras publicações similares.

MUNDO GRAFICO

Director: ARTUR PORTELA

Chefe de Redacção e Editor: REDONDO JÚNIOR

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º | Lisboa | Telefone 2 5240

Revista Quinzenal

Propriedade do Mundo Gráfico, L.º

Composição e Impressão: Neogravura, Ld.ª, Travessa da Oliveira, à Estréla, 4 a 10--Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço \$50

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Começou a agonia do Japão. O cerco aperta-se sempre e cada vez mais, num golpe de estrangulamento irresistível. As esquadras das Nações Unidas já sulcam as águas nipônicas. Neste porta-aviões norte-americano caiu, em chamas, um avião japonês abatido. Os serviços de socorro entraram imediatamente em acção e o incêndio durou apenas alguns minutos. Este e os outros documentos desta página dão ideia da rapidez com que esses serviços actuaram

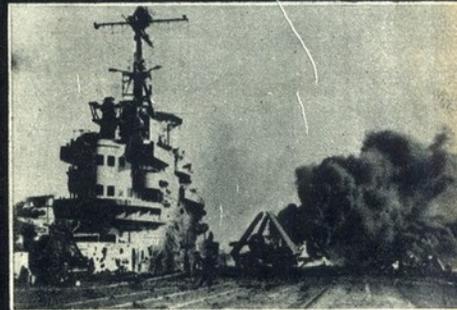
TÓQUIO ARDE

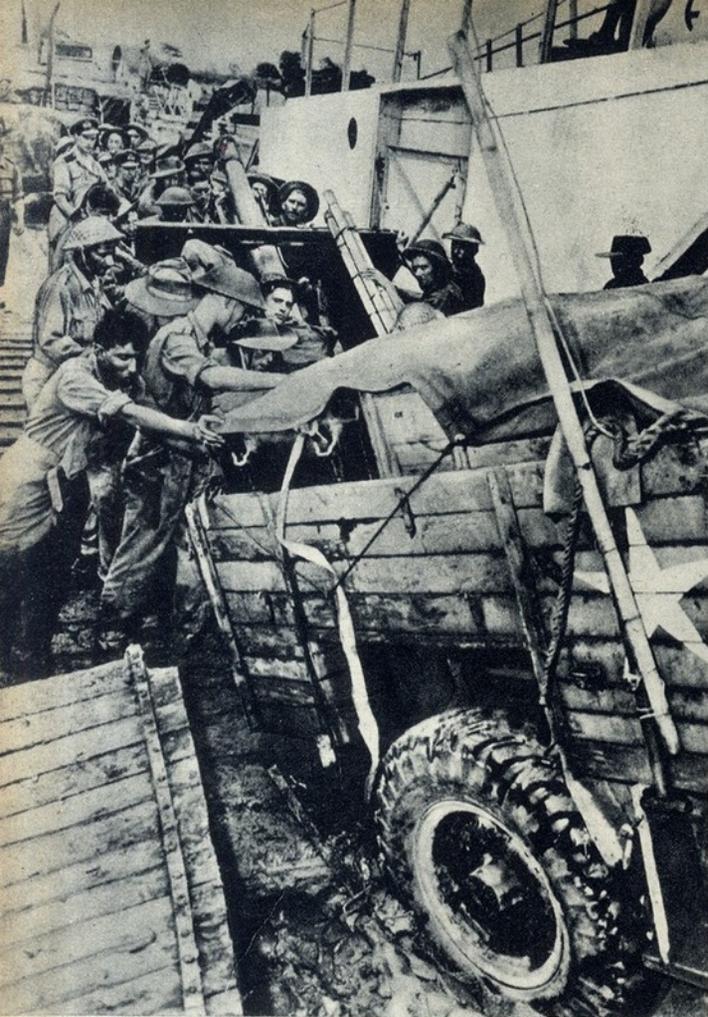


NENHUM inglês, seja qual fôr o partido político a que pertence e sejam quais fôrem as suas opiniões e as suas tendências, deixou de pensar, por um momento sequer, que a guerra contra o Japão deve ser conduzida com a mesma energia, a mesma tenacidade e o mesmo empenho que animaram a Grã-Bretanha durante as fases mais difíceis da luta na Europa contra o Reich hitleriano.

Houve um momento, sobretudo durante as conferências de Quebec e Casablanca, em que se levantaram dúvidas sobre a decisão firme em que a Grã-Bretanha se encontrava de vencer o Império nipônico da mesma forma por que vencerá o Império alemão. A escolha das mais altas personalidades militares britânicas para desempenharem funções de confiança no Extremo Oriente, entre elas Lord Wavell e Lord Luis de Montbatten, foram as primeiras indicações concretas de que a Grã-Bretanha se associaria à guerra no Extremo Oriente com todos os seus recursos e com toda a sua vontade.

Dissipada a campanha de boatos e insinuações, levantada a êsse respeito, foi possível fazer prevalecer o critério sem-





Os nipônicos estão a ser expulsos do continente asiático. Os ingleses, num golpe brilhante, conquistaram Rangoon e logo o porto foi utilizado para os serviços de abastecimento. Eis o desembarque de abundante material de guerra



Uma fase da conquista de Rangoon. Neste momento, já os tanks britânicos entraram na cidade. A infantaria segue-os, esmagando os últimos núcleos nipônicos que resistiram



Os blindados americanos avançam irresistivelmente pelas montanhas de Okinawa, abrindo caminho com os seus poderosos lança-chamas



Os nipônicos foram rechaçadas em Okinawa. Os americanos, que estão a umas escassas centenas de quilômetros da ilha japonesa, destruíram as últimas resistências. Numa pequena povoação, um tank abre caminho à infantaria

pre afirmado pelo Primeiro ministro, Winston Churchill, e pelo falecido presidente Roosevelt. Esse critério dava prioridade às exigências da guerra na Europa, por considerar que dos dois inimigos que se tornava necessário defrontar simultaneamente, o Reich era, por todas as razões, o primeiro que devia ser vencido.

Os resultados práticos da aplicação inalterável deste critério estão à vista. Se dispersassem os seus recursos em homens e material, como alguns pretendiam, por dois campos de batalha simultaneamente, a Europa e o Extremo Oriente, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos arriscavam-se a ver prolongada a guerra sem que, entretanto, se vislumbresse o momento da sua decisão voluntariosa. Assim, esta pôde ser alcançada na Europa num prazo de tempo relativamente curto e com perdas relativamente pequenas. Esta orientação ficou conhecida pela designação de "estratégia de Casablanca", e mesmo os seus mais ardorosos adversários nessa época são hoje os primeiros a reconhecer o seu fundamento.

Mas, uma vez terminada a guerra na Europa, a Grã-Bretanha dedicou toda a sua atenção ao desenvolvimento da luta no Pacífico e no continente asiático. São conhecidos os seus interesses e as suas tradições coloni-

sadoras e civilizadoras nessas paragens. É para acautelar os primeiros e para honrar as segundas, que o povo inglês, sem distinções de qualques espécie, como ainda recentemente se verificou durante a campanha eleitoral, deseja ver rapidamente concluída a luta no Extremo Oriente.

A acção das suas fôrças terrestres e da sua aviação no continente asiático, e de maneira especial na Birmânia, e a actividade das suas esquadras no Pacífico, bastam para documentar eloqüentemente essa intenção. Os ingleses têm suportado o péso de uma valiosa guerra no Extremo Oriente e os Domínios no Pacífico, Austrália e Nova Zelândia deram para o esforço de guerra comum uma contribuição que nunca será suficientemente elogiada e posta em relêvo.

Os êxitos recentes alcançados em Okinawa e no mar, bem como as afirmações, freqüentemente feitas pelos dirigentes nipônicos, de que a invasão do Japão se encontra próxima, dão a entender que a guerra contra



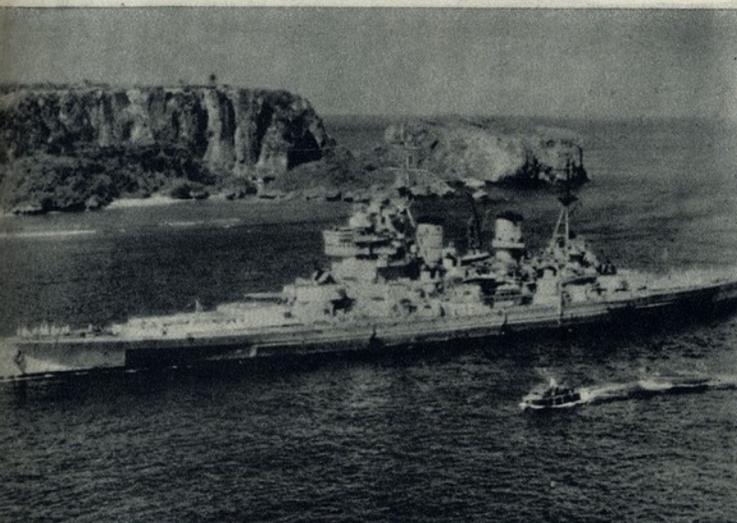
Metralhadores americanos, nas montanhas de Okinawa, em Ryukyu. O terreno conquista-se, palmo a palmo, mas a ofensiva prossegue, ininterruptamente

aquele país vai efectivamente entrar numa fase decisiva e que, no seu desenvolvimento, a Grã-Bretanha terá um papel de importância capital. A luta no Extremo Oriente reveste-se ainda de aspectos políticos que não podem ser esquecidos, tanto pelo que se refere às relações dos Aliados com a Rússia, como com a China. Esses aspectos condicionam a evolução próxima das operações militares que devem entrar num período de grande intensidade dentro em pouco.

Enfim, pode dizer-se, concretamente, que o Japão entrou na agonia. A guerra está irremediavelmente perdida para os nipônicos desde aquele dia brumoso em que os aviões do general Doolittle foram pela primeira vez, bombardear Tóquio.



Pegu, ponto estratégico de extraordinária importância, 50 milhas ao Norte de Rangoon, é conquistada pelas tropas britânicas. Os blindados atravessam, vitoriosos, a localidade, que ficou em chamas



Este é o formidável couraçado inglês «King George V», navio-chefe da esquadra inglesa, que opera no Pacífico. Neste momento, entra na baía de Orote



Dois soldados australianos observam as ruínas de Pegu. As vanguardas inglesas já combatem muito para além da localidade

A OCUPAÇÃO DE BERLIM



O que ficou do Reichstag, onde agora flutua uma das bandeiras das Nações Unidas



Os tanques que conquistaram Berlim passam em frente da famosa porta de Brandenburgo



Chegam constantemente viveres para a população berlinense. Estes sacos contêm farinha e açúcar



O famoso hotel Adlon, na Unter den Linden, que foi atingido pelas bombas da aviação aliada



Mulheres e homens limpam as ruas dos escombros e o trânsito já se faz normalmente



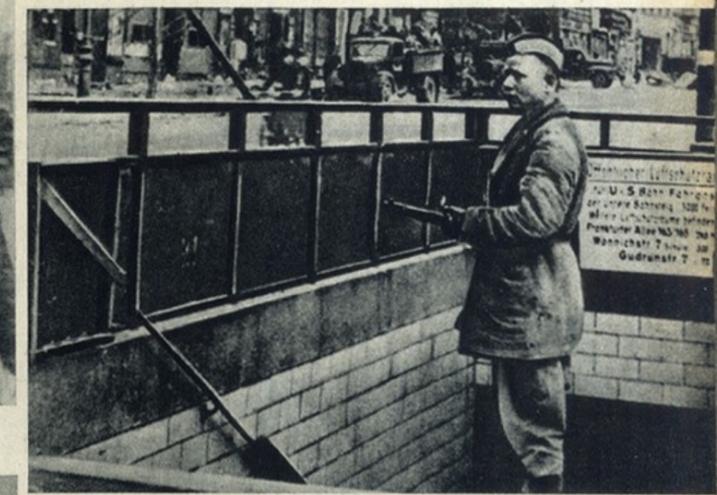
O marechal Zhukov, o segundo da direita, quando foi receber o marechal Tedder, na sua visita à capital do Reich



Uma visão de Berlim depois da luta que se travou para a sua conquista



Fôrças de Artilharia atravessando uma das artérias da capital, onde se vêem alguns prédios intactos



À entrada do metropolitano, uma sentinela armada faz o policiamento do subterrâneo



Durante os primeiros dias de ocupação, quando os serviços de água ainda não estavam reparados

BERLIM está dividida em várias zonas, cada uma das quais ocupada por um exército vencedor. Estabeleceu-se um policiamento, e os serviços principais de água e luz funcionam já em quase todos os bairros. Os destroços que pejavam as ruas foram em grande parte removidos. De noite, em cada canto da cidade fulguram iluminados intensamente grandes retratos dos chefes dos países aliados, com frases que dirigiram à Alemanha durante o tremendo conflito Europeu que acaba de finalizar. Muitas fábricas reabri-

ram, fábricas de rendimento vital para a população. Por toda a parte se vêem prédios em ruínas. Quarteirões inteiros são hoje gigantescos escombros. Desapareceram, por completo, todas as fardas e insígnias nazis. Os operários como que acordam de um estranho pesadelo. É perto de Berlim, em Potsdam, que se deve realizar a conferência entre Truman, Churchill e Staline, que terá uma enorme transcendência histórica. A escolha desse local significa, claramente, aos olhos dos alemães que eles foram derrotados militar-

mente. Tropas inglesas, americanas, russas e francesas vão desfilar através da capital da Alemanha. Trata-se de uma parada imponente, na qual devem figurar os veteranos da guerra mundial. Os berlinenses verão passar, entre as tropas vitoriosas, os «Ratos do Deserto», soldados do bravo Montgomery que, numa corrida impetuosa derrotaram Rommel, conquistando toda a costa do Norte de Africa. É simbólico o desfile dessas fôrças. Quando começaram a combater estavam ainda muito longe do coração da Alemanha e hoje,

por direito próprio, rudemente conquistado pelo brilho das suas armas, encerram com esta marcha o ciclo das suas façanhas na Europa. As autoridades aliadas tomaram à sua responsabilidade a alimentação da população, incitando-a a reconstituir os seus lares derruidos em resultado da louca ambição nazi de dominar o mundo. Factos curiosos, que constituem, porventura, as páginas mais interessantes desta guerra, vão sendo conhecidos. Sabe-se que o nazismo era já, nos últimos tempos, sustentado, apenas, pelo terrorismo da Gestapo.

FLOR DOS TRÓPICOS



A graça alada desta attitude é muito do agrado dos habitantes das ilhas do Pacifico



Esta bailarina — Nani Conchita, se chama — tem exibido as suas misteriosas danças nas não menos misteriosas ilhas

E do conhecimento das pessoas estudiosas que as grandes manifestações da dança vieram de longínquos pontos do globo, antes de nós as termos «civilizado» e adaptado à nossa maneira. Por isso, se alguém se der ao cuidado de estudar em remotas origens de informação, os distantes passos coreográficos que estabelecem a harmonia rítmica da dança, notará, sem dificuldade, que foram os povos orientais que mais cedo praticaram essa expressão de arte. E não podemos deixar de concordar com os grandes investigadores que assim nos ensinaram.

Sem que tenhamos a intenção de «enegrecer» as danças dos nossos dias admitimos que há certos passos, determinadas atitudes, de desarticulados bamboleos de corpo, que sugerem a origem do batu-

que e de outros desengonçamentos muito do gosto dos habitantes das florestas. Tudo evolue, é certo. Todavia, não há evolução sem um ponto de partida. Esse ponto é, portanto, o motivo inspirador.

Nas fotografias que reproduzimos nesta página ver-se-á que, em plena selva primitiva, ainda se se dança há moda dos nossos primários ascendentes. Queremos com isto negar a beleza desta arte? De modo algum. Pretendemos, tão somente, evidenciar um facto que é do conhecimento de muita gente.

Em esquecidas paragens tropicais a dança é, também, como entre nós, um pretexto de arte.

E quem nos diz que estes estranhos e originais bailarinos não obteriam estrondoso êxito mostrando as suas habilidades de sal-

(Continua na página 20)



Um vertiginoso rodopio em que segundo os entendidos, participa do «ballet» russo e das composições coreográficas sul-americanas



Os nativos das Aleutas executam danças completamente desconhecidas dos europeus. Eis uma atitude estranha de um ballado em que a dançarina consegue elevar-se a respeitável altura, acima do solo

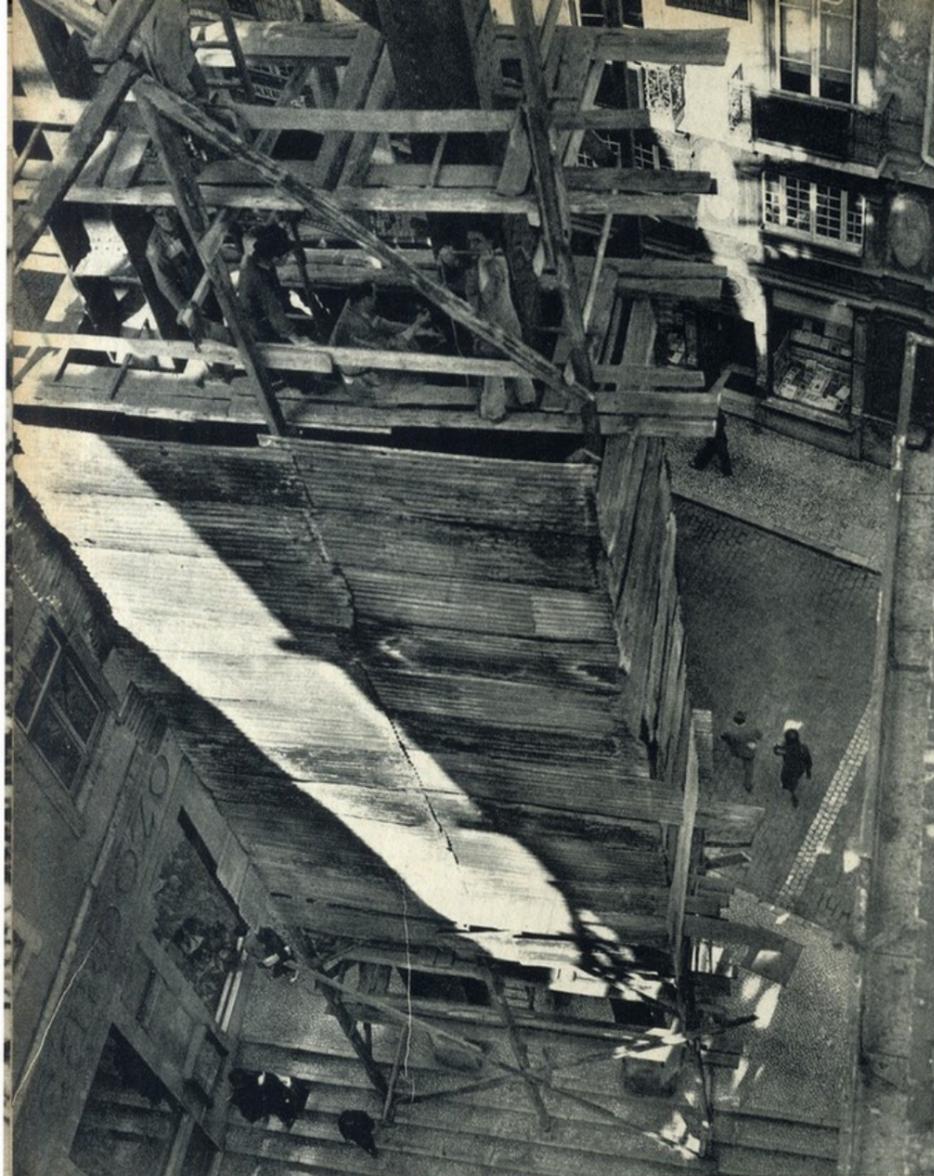


Esta dança venezuelana tem passos como este, em que a bailarina reproduz perfeitamente o movimento rápido de um jovem em correria



Apesar de ser praticada em regiões dos trópicos, esta bailarina bem podia ser comparada a qualquer «estrela» de um «dancing» europeu

A TORRE EIFEL LISBOETA

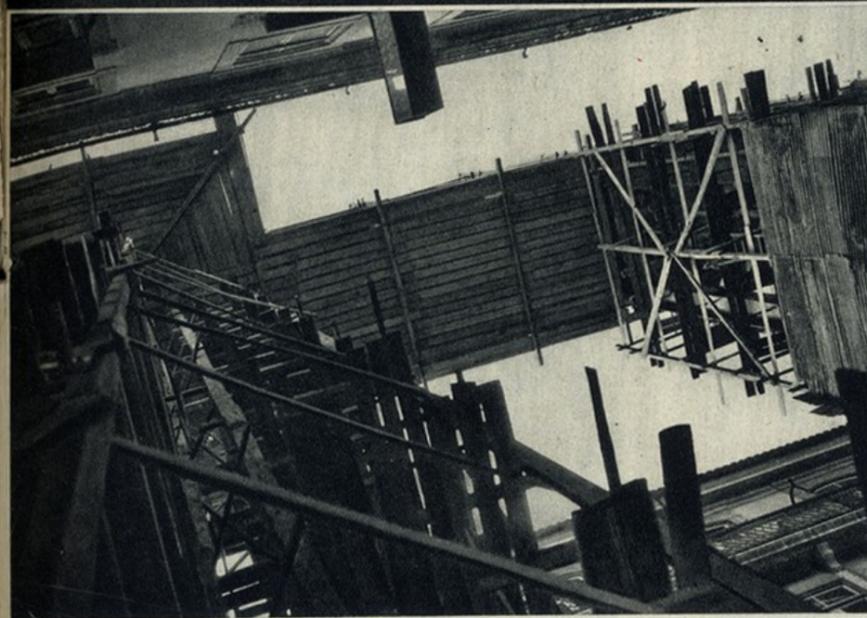


QUEM passa agora pela rua do Carmo e súbitamente envolvido por uma estranha sinfonia fabril. Nem numa doca de Liverpool, martelando, rebitando o casco de uma nave nos últimos aprestos para as grandes rotas marítimas!... Na pequena torre de Babel do elevador de Santa Justa agora geometrizada por andaimes, operários equilibristas das alturas, descascam a velha pintura, deixando à vista a epiderme vermelha de ferro que, afinal é a primeira demão contra as intempéries. Os olhos curiosos escalam a Torre Eifel lisboeta, procurando o maestro daquela bárbara e estranha orquestra do «picanço».

Não se vê, nem deve mesmo existir! A música dissonante, timpânica, nasce, espontaneamente, como as composições de Paul Whiteman, numa harmonia arbitrária e absurda. Os metais rugem... as colchelas descem, saltam, percutem na ferraria da torre como nos tubos de um órgão embruxado.

O elevador de Santa Justa, cujas obras começaram em 21 de Maio, vai gastar duas toneladas de tinta cinzenta, vinda de Inglaterra, a mesma que se usa nos revestimentos das pontes do Império. Como que muda de fato — um fato que, como os bons cheviotes ingleses, duram vidas, resistindo aos golpes anavahantes das nortadas e ao calor deste sol terrivelmente saharesco que parece fendilhar pedras.

Os operários acobratas, trapezistas e voadores, verdadeiros émulos dos artistas do Coliseu são algumas dezenas, devendo a pintura durar ainda uns bons três meses. Aproveita-se a oportunidade para verificar o arcaboço do gigante, aliás magnífico. Entretanto, os elevadores não deixam de cumprir: subindo e descendo, sempre carregadinhos de gente. Os adultos já não encontram sensações de vertigem, mas os miudos exigem dos pais aquêlê vôo vertical a uma estratofera de via reduzida para sentir a emoção de

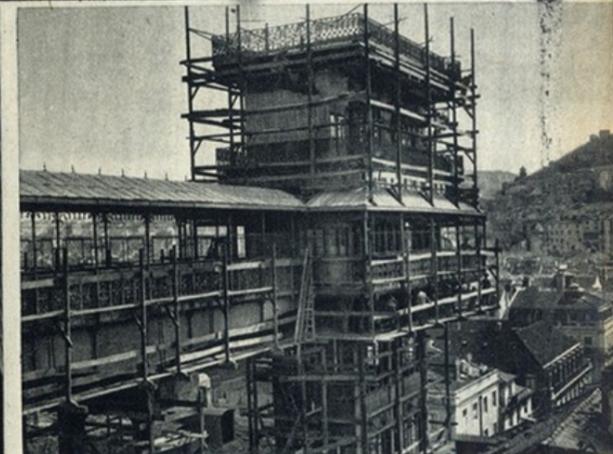


Planos sobrepostos de uma geometria alucinante

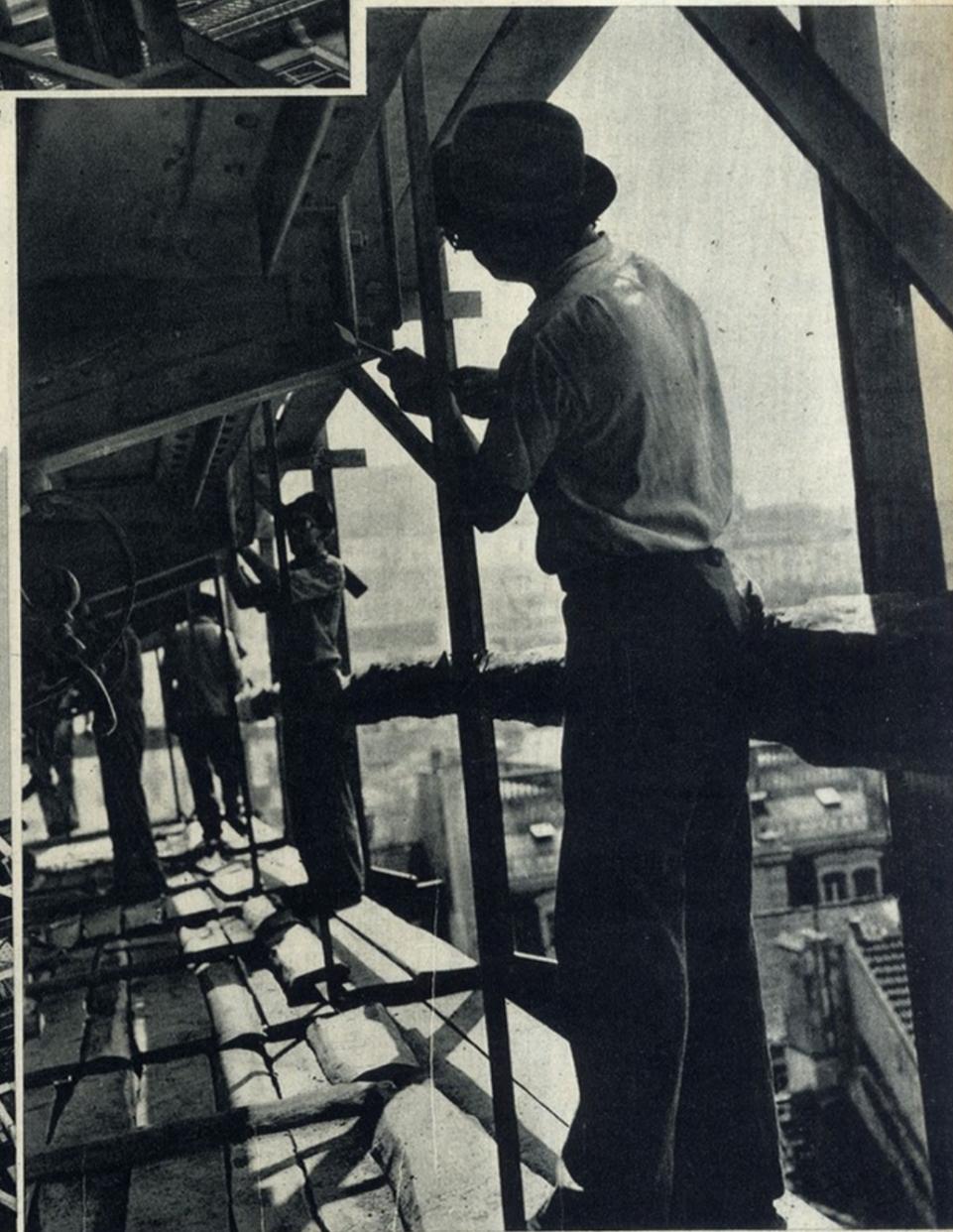
um perigo nulo... Aquêlê vácuo embriaga, e depois, lá em cima, no tabuleiro, a vista sobre os pontos cardiais, com uma Lisboa de aquarela, ondas de telhados, a Sé dourada, o rio azul, os baluartes cinzelados do Castelo, o traço verde da Avenida é, na verdade, deslumbrante. Não se paga nada, nem mesmo o ar que se respira, nem Lisboa dá que está sendo desnudada por uns olhos voluptuosos que lhe captam tôdas as formas.

Não queremos fazer história, o que seria fastidioso. Sempre, porém, diremos que o ele-

(Continua na página 50)



A torre está agora engaiolada pelos tapumes



Sobre os telhados de Lisboa, ouve-se agora a música do «picanço»

Uma projecção bizarra da «Torre Eifel», tirada de passarelle. Uma espada de luz corta os madeiramentos das obras num efeito cinematográfico



Como os operários trabalham, a algumas dezenas de metros acima do solo. São verdadeiros aerobatas



Escusa de voltar a revista. A fotografia está na posição certa. E' o elevador visto por dentro, como um «travelling visual»



Os operários escalam todos os dias estas



DOCUMENTOS DA GUERRA



TRES espões alemães, guiando um jeep e usando uniformes e armas americanas, faziam parte de um comboio americano durante a malfadada ofensiva das Ardenas, lançada pelo inimigo em 16 de Dezembro de 1944. A sua longa convivência com americanos prêso na Alemanha fez com que assimilassem os costumes mais peculiares ao americano e adquirissem o perfeito domínio da língua, com pronúncia nitidamente americana. Porém, quando parou o comboio, não deram a senha e foram descobertos. Julgados por um conselho de guerra americano, foram condenados à morte. A sua missão consistia em localizar e sabotar as comunicações e fazer reconhecimentos das pontes e estradas sôbre o Mosa. Todos foram especialmente treinados para a missão. Os seus nomes são: Whilhelm Schmidt, cabo, de 24 anos; Guenther Billing, aspirante, de 21 anos; Manfred Pernass, sargento, de 23 anos.



CONSERVADORES OU TRABALHISTAS?



A CHINA EM MOSCOVO



O dr. Soong, primeiro ministro da China, à sua chegada ao aeródromo de Moscovo, onde foi recebido por Molotov, fala ao microfone

Na Inglaterra desenrolou-se renhida campanha eleitoral. Churchill, apesar das fadigas naturais da guerra, tomou parte nela com grande entusiasmo, pronunciando numerosos discursos, em que defendeu o programa do seu Partido



Os bravos marinheiros ingleses, que se batem agora no Pacifico, estão satisfeitos. Pudera! Mais um avião japonês foi abatido por eles

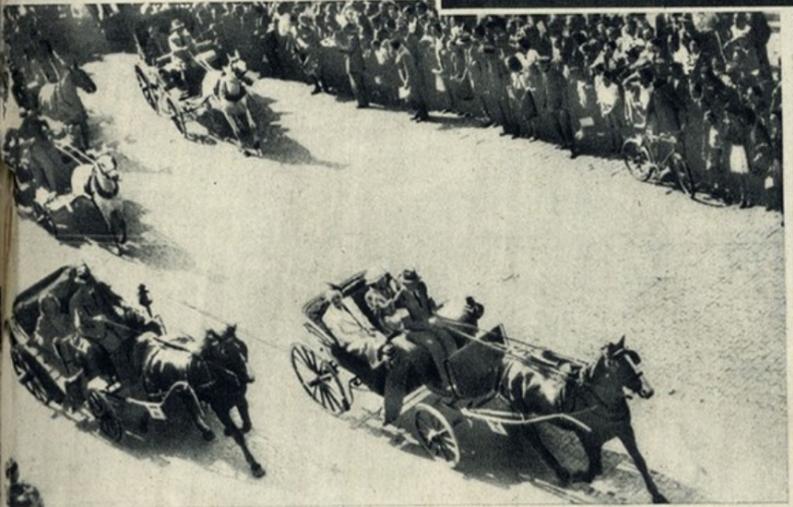


A crise constitucional na Bélgica. Nalgumas janelas viam-se disticos com «Viva o Rei»



TÊNIS INTERNACIONAL EM WIMBLEDON

Por outro lado, nalguns muros da capital belga pede-se a abdicação de Leopoldo II



Paris já se diverte, depois do pesadelo da ocupação. Recentemente, realizou-se um concurso de fiacres, em Monmartre



Já são inúteis os abrigos individuais contra os estilhaços de bombas, que existiam em Buckingham Palace, para os guardas



A Rainha Mary, com a duquesa de Kent, conversando com os vencedores do campeonato internacional de tennis que se disputou em Wimbledon

TODOS DEVEMOS TER A NOSSA CASA

por ALAN HUNTER



O Governo da Grã-Bretanha propõe-se construir quatro milhões de casas durante os dez primeiros anos que se seguirem ao fim da guerra. Muitas destas casas serão construídas pelas autoridades locais, em bairros constituídos pelo que, na Inglaterra, se chama Casas Concelhias (Council Houses).

Já se completou muito trabalho de pormenor sobre os projectos destas casas, especialmente por parte da Comissão nomeada pelo Governo, há mais de dois anos, e à qual preside Lord Dudley.

A especificação Dudley é revolucionária pelo menos sob um aspecto, pois baseia-se no estudo muito cuidadoso das necessidades e conveniências da dona da casa. O relatório principia, de facto, com uma análise do número de horas que ela passa na cozinha...

A Casa Concelhia (Council House) do post-guerra terá uma área mínima de sobrado de 900 pés quadrados — isto é, será um pouco maior do que o geral das casas pequenas existentes hoje na Grã-Bretanha. Estas casas destinam-se a famílias com crianças; mas para outros haveria blocos de vários andares e múltiplas pequenas moradias.

Casas pre-fabricadas

Muita atenção se está prestando ao problema das pequenas moradias em blocos de vários andares — que não são, no geral, muito da simpatia ou do gosto da gente da Grã-Bretanha. Mas há pelo menos um milhão de casas destruídas pelas bombas voadoras e o governo tem que fazer face, no presente momento, à procura do alojamento temporário. Nos bairros de Londres mais devastados pela «blitz» as autoridades estão a construir, desde já, pequenos «bungalows» pre-fabricados que são destinados a servir apenas de alojamento temporário de emergência. O prototipo verdadeiro da casa pre-fabricada do futuro aspira a muito mais. É um «bungalow» de chapa de aço comprimido cujo traçado foi elaborado pelo

(Continua na página 24)

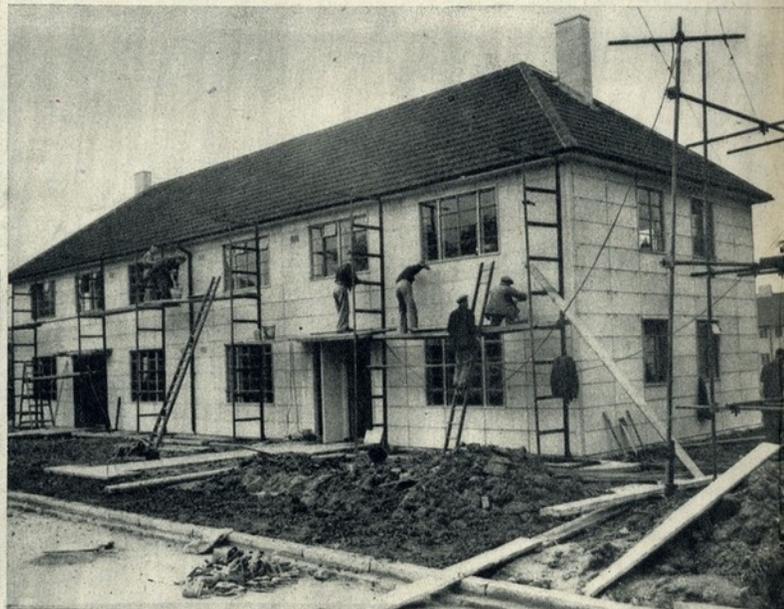


A sala de estar, cheia de bom gosto e de comodidade

Eis como são as novas moradias para operários, construídas em Londres. Nem sequer falta, neste pátio, uma piscina

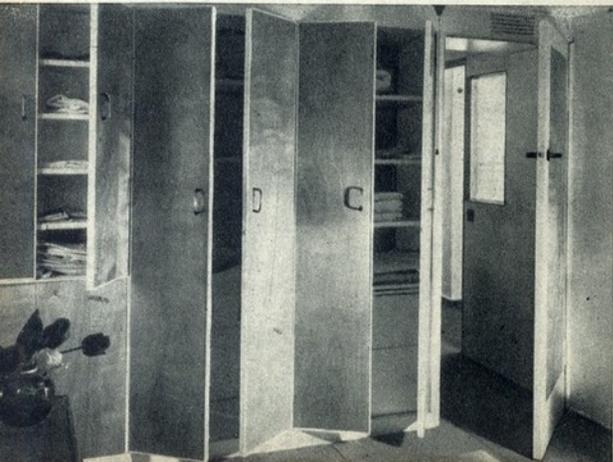


O quarto, maravilhoso de simplicidade e de conforto



A montagem de uma casa pre-fabricada, para vários inquilinos

Todo o espaço é rigorosamente aproveitado. São os armários de um quarto de cama, de aço comprimido, com painéis de contraplacado de mogno



REGRESSO AO LAR

O sr. Blake (Alfred) cumpriu o seu dever. Bateu-se junto de Montgomery em tôdas as frentes da África. Depois pelejou na Itália. A seguir libertou a Europa. Por fim atravessou o Reno, penetrando na Alemanha. O inglês não gosta de se fardar. É arrojadamente civilista. Adora as coisas simples da vida e da natureza: um artigo succulento do «Times», a paz de um crepúsculo, descendo sobre os lagos da Escócia, uma pescaria no Mersey, o seu clube, o característico cachimbo e um bom desafio de futebol. A Alemanha nazista julgava que quando ele transigia, era porque não queria bater-se. Forçou a nota ultrapassou-a. Então, milhões de ingleses, como mister Blake, envergaram o uniforme, puseram a tiracolo, a espingarda, e foram combater pelo mundo, em todos os continentes, simplesmente, cumprindo o seu dever e morrendo também, simplesmente, sem flôres de retórica. Agora é o regresso ao doce cantinho de Surrey. Os campos verdes. O abraço aos filhos que viveram sob o fogo da Luftwaffe. São eles: Rosemary, Sheila e Denis. Mister Blake não pergunta porque se bateu. Basta olhar para os pequerruchos, a sua pequenina e bem amada Inglaterra.



EISENHOWER CHEGA À AMÉRICA



O general Eisenhower atravessou as ruas de Washington entre delirantes aclamações. Ei-lo, o vencedor, agradecendo os apoteóticos vivas



O cortejo passando na New York's Times Square, onde se vê a estátua da Liberdade



O Presidente Truman colocando no peito do grande cabo de guerra a medalha dos Serviços Distintos

EISENHOWER foi recebido como um herói na sua pátria. Dir-se-ia que a bandeira das estrelas tinha mais uma. Nunca nos Estados Unidos se fez uma recepção tão grandiosa. Excedeu tudo! A população como que enlouqueceu. O generalíssimo das tropas aliadas na Europa foi verdadeiramente vencido por essa extraordinária manifestação que totalizou 11 milhões de indivíduos. Um jornalista americano atribui-lhe a seguinte frase:

— Preferia estar de novo a desembarcar na Europa, sob o fôgo das tropas alemãs, como em Julho de 1944!

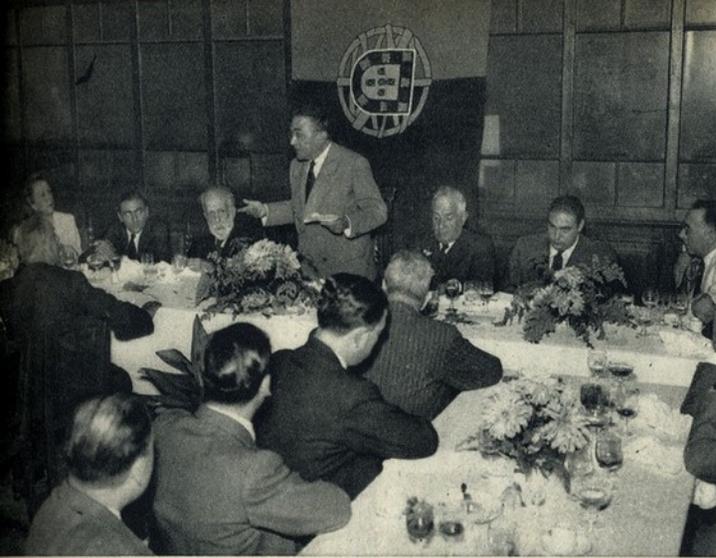
É que, de facto, submergiram-no de toneladas de papelinhos que caíam do alto dos arranha-céus numa gigantesca nevada que atingiu 22 centímetros de altura. Os klaxons e as sereias, as salvas e os vivas excederam centenas de unidades sonoras. Todos o queriam abraçar, beijar, falar, apertar-lhe a mão. Foi 10 mil vezes fotografado e 8 mil cinematografado. Apesar de tudo isto, Eisenhower resistiu valentemente. Nunca deixou de sorrir, verdadeira imagem da América juvenil e invencível.

Com essa apoteose magnífica terminou a guerra na Europa. Eisenhower deve considerar-se justamente um herói nacional. Entrou na História!



«Ike», como familiarmente tratam o general na América, descendo, com sua esposa, do avião que o levou à capital dos Estados Unidos

FIGURAS E FACTOS



O pessoal do «Século» reuniu-se com o seu director, sr. João Pereira da Rosa, num almoço de confraternização. Aos brinques, falaram Acúrcio Pereira, chefe da Redacção, e o nosso colega Amadeu de Freitas. Neste momento discursava o sr. João Pereira da Rosa



Um aspecto da assistência ao almoço de confraternização, no «Século»



O sr. embaixador de Inglaterra e sua esposa, com as pessoas que dêles se foram despedir ao aeroporto da Portela de Sacavém, quando do regresso daquele ilustre diplomata ao seu País



O Chefe do Estado presidindo à sessão solene de inauguração da sede-teatro da banda dos Bombeiros de Colares



Sir Ronald-Campbell ao subir para o avião
Durante uma festa no Orfanato de Santa Isabel, em Albarraque, a que presidiu o Chefe do Estado e assistiu o sr. subsecretário de Estado da Educação Nacional



TODOS DEVEMOS TER

(Continuação da página 26)

Ministério das Obras Públicas, quando Lord Portal sobrava a pasta e já é geralmente conhecido pelo nome de «Bungalow» tipo Portal. Previu-se a duração de dez anos para estas casas, pressupondo que, ao fim deste prazo, já devam estar construídas casas permanentes que as substituam.

O «Bungalow» do tipo Portal tem uma área de sobrado de 600 pés quadrados e tem uma sala de estar, dois quartos de cama, uma casa de banho e uma cozinha, uma retrete e um pequeno vestíbulo e possui, também, do lado de fora, um barracão de dimensões regulares.

O tipo original do «Bungalow» Portal era construído de chapa de aço e de contraplacado de madeira com fórrão interior de um composto de amianto para servir de isolador contra os ruídos e a humidade. Há, agora, quatro variedades de alçado deste tipo de «bungalow».

Uma coisa têm eles todos, em comum: a casa de banho e a cozinha são construídas como uma única unidade com banheira, lavatório e lavadores, fogão, pia, e tabuinhas para escorrer a loiça e — o que talvez constitua surpresa maior num país onde os frigoríficos eram ainda considerados artigos de luxo — um armário frigorífico.

Mobiliário, parte integrante da construção

Outra coisa boa que tem o «bungalow» do tipo Portal é que a maior parte do mobiliário faz parte integrante da construção da casa, de modo que os homens que regressem do seu serviço militar e que tenham de encarar o problema de pôr casa, pouparão pelo menos £80 na compra de mobiliário.

O «bungalow» do tipo Portal é essencialmente uma casa temporária mas o princípio da pre-fabricação já começa a exercer influência no traçado das casas permanentes. Estes novos tipos de casa — antes da guerra nada havia na Grã-Bretanha que com eles se parecesse — podem montar-se numa fracção do tempo que levava habitualmente a construir uma casa de tijolo e vigamentos e solhos de madeira, e não exige o emprego de mão de obra especializada.

O Conselho do Condado de Londres (London County Council) já fez construir num dos seus subúrbios do Norte da capital algumas casas deste tipo, a título de experiência — casas que podem bem indicar o rumo que levam as coisas que estão para vir. São casas com três quartos de dormir e, com as suas armações de aço, são literalmente montadas com uma chave de parafusos. Todo o soalho vem da fábrica em secções completas. Afirma-se que esta forma de construção «a sêco» traz grande economia, tanto de materiais como de mão de obra.

Uma das coisas mais extraor-

(Conclue na página 30)

Elas o supremo dom de beleza! Alguma coisa de harmonioso e de perfeito, flor de carne maravilhosa, que desabrochou para a vida, obrigando a realidade a converter-se em sonho



Vestidos de noite

Volta a ver-se nos figurinos, porque já surgiu nas colecções, a graça alada do vestido de noite, obedecendo quer ao ritmo de uma valsa de Strauss quer à moderna pengência do último *slip* da moda.

Gaze, tulle, crepe, jersey.

E muito organdi e imensa organsa.

Tive ocasião de ver lindos vestidos executados, nestes dois últimos tecidos, na Exposição Suíça que organizou a sua passagem com modelos criados por Marcelle Dormoy, Grés, Mad Carpentier, Legroux, etc.

Tinham metros e metros de tecido, em roda ampla, e as repariças manequins pareciam plenas de fragilidade no meio de tão esvoaçante ondular.

Os vestidos menos vaporosos, para senhoras, são bordados a lantejoilas, a canutilho, a *pailleres* em lindas combinações cintilantes.

Os decotes são grandes: o vestido termina nos ombros e, muita vez, estes ficam descobertos, lembrando a imperatriz Eugénia.

A saia até ao chão tem outra nobreza. O vestido de baile, curtinho, p'lo joelho, que Nova-Iorque e a Califórnia desejam lançar, não sei... são outra coisa muito diferente.

A roda, ou parte logo da cinta ou apenas do joelho ou da anca; algumas têm atrás uma sobre-saia que lembra a casaca masculina. Como sempre, alguns vestidos de noite apresentam cauda.

Para casino, há inovação: o vestido das nossas avós. Muito botão no corpo sem decote, rendas de *guipure*, molho atrás, nos quadris, formando *tournure*. E até chapéu e sombrinha. Impraticável por enquanto mas delicioso.

A saída do teatro, quando não é capa ou casaco de pele, será um casaco de lã em tom claro. Mas note bem: não é um casaco pelo joelho; tem que ser até ao chão, acompanhando condignamente o vestido que está por baixo.

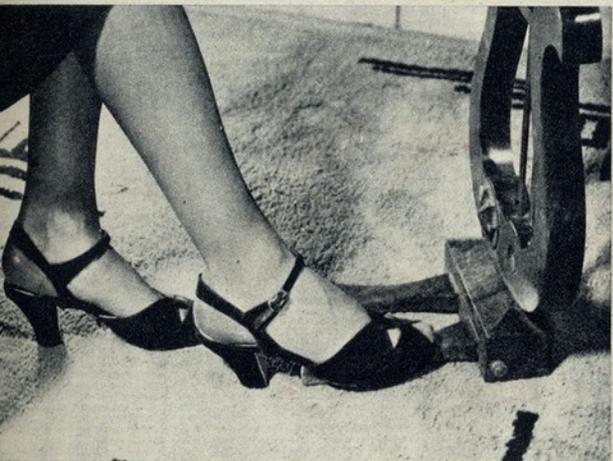
Na cabeça fica bem qualquer guarnição.



Duas toilettes que são modêlos de elegância do Harper's Bazaar

PÁGINA FEMININA

de AURORA JARDIM



Para o «chá» êstes dois chapêus maravilhosos



D'ARGY

CREME DE BELEZA VITAMINADO, PÓ DE ARROZ E ROUGE

“Senhoras conhecidas”

por Luís de Oliveira Guimarães e José Ribeiro dos Santos

OS Drs. srs. Luís de Oliveira Guimarães e José Ribeiro dos Santos deram-se ao esforçado trabalho de procurar e incluir em livro avultado número de anedotas e facécias, entre as quais algumas engraçadas.

Desse labor literário resultou um livro a que deram o título de «Senhoras Conhecidas». Contudo, nem todos os chistes atribuídos a senhoras conhecidas ou ignoradas são de rigorosa comprovação histórica. Esta circunstância, porém, em nada altera a intenção da obra. Aliás, é pormenor de sobramenos. E como muitas dessas pilhérias correm impressas em velhos almanaques ou na tradição oral, aceita-se, sorridente, a sua adopção.

Há, no entanto, neste livro de «humour» um condenável abuso do trocadilho que é, assim parece estar demonstrado, a feição menos criadora da graça natural. O trocadilho é, mórmente quando forçado, a negação da espontaneidade e do espírito gracioso.

Citemos ao acaso algumas chalaças contidas em «Senhoras conhecidas»: «Hermínia Silva é exímia em bordados e «crochets»: a verdadeira Exímia... Silva».

«Irene Isidro tem uma imensa predilecção pelo «tricot» — mas na vida detesta os «tricotintas».

A uma rapariga de teatro a quem perguntaram se sabe o que é um madeiral, ela responde: «é a gente levantar-se, assim de madrugada».

Também se nota frequentemente no volume em questão certa *lourderie* e muito de sensorial em várias graçaças. Por exemplo: a atribuída a Carlota Serpa Pinto (Clarinha) achamo-la imprópria do espírito requintado da escritora.

É deste modo: um condutor de «elétricas» teria observado à autora de algumas obras de elevado significado artístico que não tinha assento; ao que a escritora retorquiria: «assento tenho; o que não tenho é onde o pôr...»

Estas simples divergências, cremos, em nada diminuirão a fama dos dois ilustres humoristas, e muito menos ainda poderão influir no valor da obra — que terá muitos e muitos admiradores.

“Cárcere”

OSr. Alfredo de Azevedo é um poeta jovem — 17 anos apenas. Talvez este pormenor não sugira ao comentador um rígido desejo de julgar o seu primeiro livro. Não o fazemos, porém, por sentimento de benevolência — o que seria humilhante para o criticado e pouco digno para nós.

A idade nada tem com o talento. Nunca comentámos a obra de um escritor tendo em frente a sua certidão de idade.

Alfredo de Azevedo, a-par de uma ou outra imperfeição formal e de, por vezes, incertezas idiológicas, revela raríssimas qualidades de poeta — o que não é, nestes tempos decorrentes, virtude para desprezar.

A fluência, a naturalidade e a elevação de alguns temas de que se utiliza, tornam a leitura do seu livrinho agraçável. E estamos certos de que, se não se deixar influenciar por modas nem sempre úteis à sinceridade da arte, nos dará no próximo livro a afirmação do talento que pressentimos neste seu primeiro trabalho.

ONTEM E HOJE

DOR AUGUSTO RICARDO

«FRÉMITO»

AURORA JARDIM, colaboradora desta publicação desde a primeira hora, tem de há muito o seu nome feito de escritora. O seu labor literário é exemplo merecedor de relevo. Não menos é de salientar a sua obra de jornalista.

Embora muitos espontaneos literatos que, em tantos casos, devem aos jornais os seus hipotéticos méritos, teimem em maisinar, sistematicamente, os noticiários, a obra de tantos profissionais do jornalismo desmente a opinião pretensiosamente divulgada.

Aurora Jardim, que é jornalista e aos jornais tem dado muito do seu talento, não deixa, por isso, de ser uma brilhante figura de escritora.

A sua obra conta-se por um número avultado de livros: romance, crítica, poesia. E tudo isto concebido e realizado, simultaneamente, com a sua actividade jornalística.

Não desmentirá este facto a teimosia de certos literatujantes que pretendem impor o jornalista como um anónimo à margem dos grandes e eternos problemas do pensamento e dos conflitos humanos?

Mas, ponhamos de parte estes breves comentários que, quem sabe? a tornarem-se mais extensos, iriam contribuir para a falsa celebridade de escrevedores que, maldizendo os periodistas, a estes devem a sua duvidosa fama. Estamos porém, à vontade. Pois tratamos nestas linhas de um romance de uma jornalista.

Aurora Jardim publicou agora o romance «Frémito». Nada existe neste livro, claro em sua exposição formal, que possa ser confundido com *soliloquios* mais ou menos obscuros, nem a escritora pretende, assim à moda de relatório, dar-nos um problema económico-literário.

A autora esceveu um romance. E como um romance é, segundo os cânones, o raconto de casos vividos, observados ou imaginados, o seu livro contém essa rara virtude. Nele existem seres que sofrem, amam, vivem e sonham o seu mundo. E acordar na alma humana o que ela guarda de romoção e até de irreal, é já contribuir para tornar bela qualquer expressão de arte.



AURORA JARDIM

Um novo livro de Guedes de Amorim

O autor de «Aldeia das Águas», cujo silêncio estava preocupando um pouco os muitos admiradores da sua arte, publicou, num curto período de tempo, volume a que nos referimos largamente quando, há pouco, apareceu ao público, que já conhece e admira Guedes de Amorim, «Escravos da morte» e «Os barcos dessem o rio», agora saído em muito curiosa edição de sugestiva capa. A este último volume nos referiremos, como é de justiça, mais amplamente.

Aves pintadas

UMA agência telegráfica informou há pouco aos jornais que na Argentina foram lançados vinte mil pombos pintados de azul e branco, como manifestação solenizadora de qualquer data histórica referente a aquele país.

O espectáculo pode ter sido surpreendente, em especial pela paciência despendida na pintura de vinte mil «columbinus». Mas se bem se observar o facto ver-se-á nele um aspecto grosseiro, semelhante a tantos de que os homens fazem uso, na intenção de tudo falsificar. E este não será dos menos condenáveis. Pintar, que melhor seria dizer macular, a beleza virginea das asas brancas das aves, com a falsidade de tintas químicas, é fim de que os graciosos seres alados se tornem mais expressivos no seu simbolismo, não é caso para felicitar os inventores da ideia. Pintalgar as asas brancas das aves, que são símbolo de candura, de branco ou de azul, pode ser comparado ao acto de um indivíduo de mau gosto que atacado de estupidez, se lembrasse de pintar da cor de tejo a alvura inocente de um lírio branco.

Não bastaria o simbolismo das aves maravilhosas em toda a sua beleza natural, para com-morar a festiva data?

Parece-nos que sim!



Um submarino alemão sobe o Tamisa para se entregar às autoridades. É o U-776. Na sua frente, magestosa, a velha ponte de Tower

O ERVANÁRIO

de GUEDES DE AMORIM

O ervanário Lubelino, depois de ter perdido o estabelecimento, continuou a viver da antiga clientela, mas só da mais pobre. Porém, já não vendia plantas, que os fornecedores tinham-lhe cortado o crédito, escarmentados com a falência que lhe absorvera o montante dos últimos fornecimentos, mas dava receitas. E vivia mal, mas vivia. De manhã à noite, corria os bairros antigos, atravessava ruas estreitas, subia escadas lobregas e carunchosas, batia às portas e perguntava: «Precisam de mim?» Apareciam mulheres sujas, magras, e despidiadas que o acolhiam com simpatia e ares de respeito. Se tinham filhos ou o marido doentes pediam-lhe que entrasse em quartos miseráveis e observasse os enfermos. Lubelino era, assim, o médico preferido dos míseros que não tinham dinheiro para doutores nem para a farmácia. As suas receitas — diziam — eram de mais valor que as dos maiores diplomados da medicina. Pagavam-lhe como podiam, pouco quasi sempre, e, muitas vezes, até, lhe ficavam a dever. O velho ervanário resignava-se. De pouco precisava, também. Uns cobres para comer e para o quartito, era o suficiente.

No quarto do ervanário era sempre noite, mas isso, longe de o incomodar, dava-lhe até certo conforto espiritual. Logo que chegava, acendia a vela, que tinha à cabeceira, e fechava-se por dentro. Ditado, ficava horas largas, muitas vezes, a recordar o seu passado. Tinha saúdes da sua mulher, morta havia dez anos, e tinha saúdes do estabelecimento, que por má sorte, por fiados e fiados de meia dúzia de contos, lhe fôra por água abaixo.

Ouvia no corredor os passos da sr.^a Matilde, a dona da casa, e os de Carolina, a sobrinha. Alimentava simpatia pela rapariga, como se fosse sua própria filha. Mas, pela velha Matilde, mesmo sem querer nutria silencioso rancor. Pouco gostava de lhe falar. Quando succidia encontrá-la no corredor, senti-se trespassado por um frio demorado de antipatia e mal-estar. Ela falava-lhe brandamente, perguntando-lhe pela saúde e pelo negócio. Respondia-lhe em poucas palavras. Odiava-a, sem o manifestar. Lá no íntimo tinha as suas razões.

Uma dessas razões estava na pressa com que a velha, todos os fins de mês, lhe pedia o dinheiro do aluguer do quarto. «Não tenho mais nada. Vivo só dos quartos que alugo», dizia. Contudo, mentia refinadamente. Tinha os seus patacos amalhados, segundo afirmavam os vizinhos. Além disso, a sobrinha, a Carolina com excelente jeito para costureira, trabalhava para fora e as suas freguesas não eram das piores. O pobre Lubelino considerava a velha Matilde uma velhuca, hipócrita e onzenseira. Não lhe queria dar, lá de longe em longe, água para os pés, porque o carvão estava caro: não lhe cuidava da roupa, porque, uma vez, ele se atrasava no pagamento. Era uma avarenta. E, por isso, para o seu espírito generoso, traduzido em gestos francos e mãos abertas para toda a gente, o feitio sonso,

interessado e mentiroso da velha era um terrível suplicio.

Já se teria despedido e procurado outro cubículo se não fosse a atmosfera protectora do triste aposento que ocupava. Quarto interior, escondo, de teto baixo, não tinha sequer uma janela para o saguão. Assim mesmo como era, Lubelino gostava de morar nêlo. Quando voltava da rua, cansado de subir e descer escadas e receber ervas, xaropes e pomadas a tristes e infortunados doentes, encontrava consolador refúgio nêsse quartito. Entre as suas negras e acanhadas quatro paredes, tinha a impressão de estar mais defendido da perseguição do destino.

A meio do Inverno, que lhe havia corrido cada vez pior, Lubelino teve que pedir à sr.^a Matilde para lhe esperar pelo dinheiro do aluguer.

— Então gastou o dinheiro que me devia entregar? — interrogou ela mal-humorada.

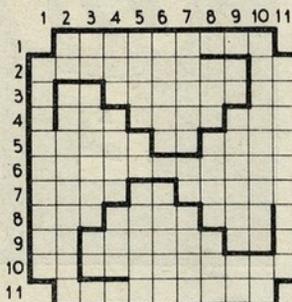
— Não, senhora. Mas não recebi dos meus fregueses...

Explicou, humilde, sincero, que no Inverno, aumentava, aumentava sempre o número de doentes que solicitavam as suas receitas, mas por falta-

(Continua na página 50)

PALAVRAS CRUZADAS

VERTICAIS



PROBLEMA N.º 112

HORIZONTAIS

- 1 — Que vive ou nasce nas selvas.
- 2 — Gentil; Nota de música.
- 3 — Caminha; Que tem bastante idade; Preposição.
- 4 — Rio da Alemanha, afluente do Mar do Norte; Averbão; Única.
- 5 — Das cores do iris a; Proposição e artigo; Contrário a (pref.).
- 6 — COMANDANTE SUPREMO DAS FORÇAS ALIADAS NO SUDESTE DA ÁSIA.
- 7 — Rio da Índia que desagua no mar de Oman; Certo; Bebida alcohólica preparada na Índia e na América com a fermentação do arroz.
- 8 — Braço de mar; Acreditar; Reze.
- 9 — Antes de Cristo; Cidade capital do Estado de Amazonas, Brasil; Atmosfera.
- 10 — Nociva; Suavisaram.
- 11 — Relativo ao cérebro, como receptor das sensações.

- 1 — Decidiram.
- 2 — Ermo; Sorte tauromáquica, que o capinha faz com a capa (pl.).
- 3 — Prefixo de negação; Torna frequente; Cãhamo da Índia.
- 4 — Pequeno poema medieval; Suspensão normal e periódica da consciência e da vida, durante a qual o organismo refaz a fadiga; Cã (princípio tartaro ou persa).
- 5 — Estado de actividade dos seres organizados; Nome da antiga nota musical dó; Recipientes onde recolhem os votos nas eleições.
- 6 — Ráivosa; Tolda de algumas embarcações asiáticas.
- 7 — Coscorão; Em doses iguais; Desmornar-se.
- 8 — Ecos; Tenebroso; Aparece.
- 9 — Artigo (pl.); Oleara; Batráquio.
- 10 — Tornar-se lento; O mais (ant.).
- 11 — Abrandaram.



Solução do problema n.º 111

LAMINAS

Milhões de homens — em todos os cantos do mundo, devem à Gillette a rapidez, a facilidade e a economia da sua barba diária. A produção ainda é limitada, mas se comprar a Lâmina Gillette Azul ou a Lâmina Gillette Dourada terá obtido a lâmina de alta qualidade.

GILLETTE

75, RUA DA CONCEIÇÃO, 1.º, LISBOA

INDIGESTÃO

Sente-se enfiado? Tome 2 Rennie's Fica aliviado.

Muitas pessoas sofrem de indigestões ácidas e depois de todas as refeições — e têm de andar, para a frente, com elas! Se soubessem que as Rennie's lhes põem um ponto final! E a grande coisa é que elas podem ser tomadas a qualquer hora e em qualquer sítio. Não precisam de água nem copo, nem colher. Não há demoras.

Basta tirar duas Rennie's da algibeira ou malinha de mão (são embrulhadas em separado para se poderem trazer soltas) chupá-las uma a seguir à outra, como dois rebuçados. As Rennie's entram logo em acção. Em dois minutos, o excesso de ácido, causa da indisposição, fica totalmente neutralizado. Depois, o mal-estar desaparece. As dores acabam e quando for tomar a sua próxima refeição, estará apto a fazê-lo.

Não se deixe atacar de novo pela indigestão ácida. Compre um pacote de Rennie's, agora mesmo em qualquer farmácia e traga sempre algumas pastilhas consigo.

RENNIES

SALVA-VIDAS

(Continuação da página 2)

Um produto da colaboração de muitos cérebros

Em concepção e construção o salva-vidas é um produto britânico. Não se pode dizer que tenha sido inventado. Surgiu laboriosamente de investigações e experiências pacientes de um certo número de homens do pessoal tanto dos serviços aéreos como civil, cada um dos quais alguma coisa contribuiu para a realização desta ideia brilhante. Está assegurado o futuro do salva-vidas aero transportado nos trabalhos de salvamento. É a única resposta concreta às perdas sofridas a grandes distâncias no mar alto, onde o factor tempo é de vital importância. A sua superioridade sobre os barcos de salvamento que navegam por seus próprios meios é evidente.

O primeiro salva-vidas aero-transportado foi largado suspenso a uma umbrela de três paraquedas. Hoje empregam-se seis. Estes soltam-se automaticamente logo que a ligeira embarcação de mogno toca no mar. Câmaras de flutuação, a vante e a ré, endireitam o barco, e nele há lugar para dez passageiros. Nos cascos do salva-vidas, encontram-se cartas marítimas, uma bússola, roupa de abafio, sacos para aquecimento, aparelho de rádio e mantimentos, tudo resguardado em compartimentos estanques. O barco tem um mastro, vela e dois motores «out-board» a gasolina, capazes de impelir o barco, com carga completa de passageiros, numa distância de 100 milhas.

No princípio da primavera de 1943 estava tudo pronto para o ensaio prático e, no dia 5 de Abril desse ano, quando um Halifax foi forçado a amarar a 51 milhas da embocadura do rio Humber, efectuou-se o ensaio geral dos Serviços Aéreos de Salvamento no Mar. Um avião Hudson, adaptado ao transporte do salva-vidas levantou vôo em socorro e o salva-vidas foi largado com acerto junto do barquinho de borracha do Halifax a transbordar de aviadores. Os sete homens prepararam para o salva-vidas e o barco tomou o rumo da costa. Foi mais tarde ao seu encontro uma lancha rápida.

Do limiar das posições inimigas

Foi esse o primeiro ensaio prático. É mais que provável que, uma vez localizados, esses homens tivessem sido salvos em todo o caso. Três meses mais tarde, porém, no dia 15 de Julho de 1943, o novo aparelho provou ser de incalculável valor no socorro prestado a uma tripulação naufragada.

Nesse dia, um Wellington do Centro de Treino de Operações (Operational Training Centre) amarou a pequena distância do estuário do Somme, ao alcance das peças inimigas. Era preciso actuar com prontidão para salvar a tripulação de cair nas mãos do inimigo. Foi pôsto rapidamente a funcionar o plano completo de lançamento dum salva-vidas aero-transportado.

Caças dum aeródromo da Costa do Sul escoltaram um Hudson ao local indicado e o salva-vidas foi lançado à vista da costa inimiga. Os aviadores ingleses meteram-se nele, puseram os motores em marcha, e aproum a casa enquanto a escolta de «Typhoons» davam dura batalha aos aviões inimigos que procuraram interceptar. Foram abatidos dois aviões inimigos, e a tripulação nau-



fragada — que tinha estado a descair em direcção à costa ocupada pelos alemães quando o salva-vidas foi lançado — foi mais tarde interceptada por uma lancha rápida para a qual passaram. Foram salvos os seis.

Passados onze dias, o salva-vidas serc-transportado atingiu um máximo de vidas salvas. A tripulação de uma fortaleza voadora, em número de dez, desceu no Mar do Norte às 14 e 44 horas. Cinco horas mais tarde estavam em lugar seguro, pois tinham trepado para um salva-vidas lançado com paraquedas, içado a vela e feito rumo para a Inglaterra. Foram estes os primeiros americanos a serem salvos por este meio embora os Serviços Aéreos de Socorros Marítimos já tivessem salvo uns tantos aviadores dos Estados Unidos por outros métodos.

200 milhas à vela

A par das modificações introduzidas no salva-vidas, foi adaptado para transportar um avião mais adequado. Era o Warwick, irmão mais novo de Wellington.

Empregaram-se seis em vez de três paraquedas e uma das características do aparelho de lançamento modificado era o desprendimento automático de cabos com 90 metros de comprimento que são arremessados em duas direcções logo que os paraquedas se soltam. Estes cabos servem para ajudar os aviadores a sair o salva-vidas para junto dos barquinhos de borracha.

No dia 8 de Janeiro, os novos melhoramentos foram sujeitos a dura prova. Os dois aviadores ingleses a que já nos referimos foram localizados no Golfo da Biscaya depois de terem passado uma noite à tona de água. Por acaso, um deles era oficial de Serviços Aéreos de Socorros Marítimos da sua esquadilha. Na manhã que seguiu a sua primeira noite no mar foi lançado o salva-vidas e os dois meteram-se nele. «Casi do céu aquela roupa de esgalho», disseram mais tarde aos que foram em seu socorro.

Por meio da bússola fizeram rumo ao cabo Lizard. O tempo ia de mal a pior e frustrava continuamente qualquer tentativa de socorro. No segundo dia avariou-se a hélice e içaram a vela. Nessa noite houve temporal rijo durante o qual o salva-vidas se portou bem. Quando casto o vento pela manhã o salva-vidas estava de novo a velejar com o bom andamento de três milhas por hora.

No dia 9 fora localizado a 165 milhas do farol de Bishop e no dia 10, ainda desajudado, tinha reduzido a distância a 85 milhas. Os Serviços Aéreos de Socorros Marítimos ti-

nham tentado, em vão, lançar-lhes mais combustível. Poucos minutos antes da meia noite de 11 dois barcos da Marinha de Guerra e três lanchas rápidas da R. A. F. encontraram os naufragos quando dispararam um facho vermelho ao ouvir o ruído na escuridão.

Tinham percorrido à vela 200 milhas desde o ponto onde o seu avião fora abatido e desembarcaram fadigados mas, sob outros pontos de vista, em boa forma.

Mantimentos que salvam vidas

Um dos problemas que os planeadores do novo salva-vidas tinham que resolver era a maneira de simplificar os apetrechos de bordo e torná-los facilmente acessíveis e homens que talvez estivessem exaustos pelas suas primeiras provações. Entre outras coisas, um salva-vidas aero-transportado contém aparelhagem de sinalização incluindo foguetões, 18 latas de cartuchos Verry e flutuadores fumígenos, 14 aquecedores Everhot, 24 latas de água potável 28 latas de leite, 7 latas de mantimento diversos, 3 latas de cigarros, uma ambulância para primeiros socorros e 14 peças completas de roupa.

Exercícios de barcos de borracha e de salva-vidas fazem agora parte essencial do treino das tripulações dos nossos aviões.

Cada esquadilha tem o seu oficial dos Serviços Aéreos de Socorros Marítimos e as tripulações aprendem onde encontrar e como empregar o conteúdo dos cascos dos salva-vidas aero-transportado, já fez mais do que justificar a sua existência durante o período relativamente curto durante o qual tem podido ser utilizado. O seu uso nos teatros de guerra do Extremo Oriente há-de tornar-se cada vez mais extenso, especialmente, na vastidão do Pacífico.

Flor dos Trópicos

(Continuação da página 12)

tarelos em qualquer salão europeu ou americano?

Perderia a sua arte um pouco de «côr local»; isso, porém, em nada alterava a expressão artística. Se ao ar livre, em plena floresta os seus ritmos embaladores despertam a curiosidade da assistência, não é de estranhar que o mesmo êxito se verificasse em qualquer requintado «dancing».

Não se inspiraram tantos notáveis bailarinos actuaes nas

graciosidades dos ballarinos de Honolulu e de outros, balladores até há pouco quasi desconhecidos fora dos mecos das pessoas civilizadas da Europa?

A dança é tão antiga como o primeiro ser humano. A sua evolução é constante. E nenhuma outra arte é mais susceptível de evolucionar de que essa expressão do movimento e da graça, que é a dança.

O ERVANÁRIO

(Continuação da página 28)

lidade, diminuem os pagamentos. — Bem. Esperarei só mais oito dias. Bem sabe que não vivo doutra coisa...

— Dentro de oito dias, eu pago sem falta, sr.^a Matilde.

— Não se esqueça — e voltou-lhe as costas.

Passaram dois, três dias. Lubelino poucas esperanças alimentava de arranjar o dinheiro dentro do prazo que a senhoria lhe havia marcado. Os seus fregueses, pobres desempregados, ou vindo de escassos ordenados, também não lhe podiam pagar. Era sempre o mesmo, no inverno, quando o mau tempo perseguia os desventurados do mundo.

— Lubelino, ao entrar em casa, fazia tudo para não encontrar a velha. Que lhe havia de dizer? Não sabia, não sabia. Estava condenado a ser posto na rua e a passar o resto do inverno a dormir pelos portais.

Na noite do quinto dia, ao entrar em casa, encontrou a Carolina a chorar. A tia havia adoecido, quedando-se de dores violentas nos rins.

— Já chamei o médico, sr. Lubelino. Receitou um medicamento. A minha tia, porém, está na mesma. Não sei que lhe ei-de fazer.

— Eu vou lá vê-la — disse o ervanário.

Foi. Receitou um chá de diversas ervas. No dia seguinte, a velha sentiu algumas melhoras; e, no outro, retomou a sua vida habitual.

Nessa noite, Lubelino subiu ao quarto, para juntar num embrulho as suas coisas, e desandar porta fora. Embora muito se houvesse esforçado, não tinha arranjado o dinheiro do aluguer. Chamou a sr.^a Matilde, para se despedir. Não queria pedir-lhe novo adiantamento, não queria comovel-la nem sequer lembrá-lhe que ela lhe devia a saúde. Em lugar da velha, apareceu a sobrinha.

— Querias alguma coisa, sr. Lubelino?

— Querias despedir-me, menina...

— Vai fazer alguma viagem? — perguntou Carolina, sorridente.

Não. Vou-me embora. Termina hoje o prazo que a sua tia me deu. Como não arranjar o dinheiro do aluguer...

— Ah! Mas o seu aluguer já está pago, sr. Lubelino.

O ervanário ficou surpreendido, olhando para a costureira, sempre sorridente.

— E quem o pagou — inquiriu — Quem foi que o pagou?

Carolina pôs um dedo nos lábios, pedindo silêncio, e olhou para trás de si, com receio de que a tia estivesse a escutar. Depois, em voz baixa, pediu:

— Vá-se deitar, sr. Lubelino. O seu quarto já está pago, que é o que importa. Vá-se deitar, peço-lhe...

"Condições de Paz"

pelo professor E. H. Carr

O aparecimento entre nós do livro do professor inglês E. H. Carr, hoje universalmente conhecido e apreciado, constitui um acontecimento editorial que merece ser registado. Trata-se, efectivamente, de uma obra que merece ser atentamente lida e meditada mesmo quando, porventura, o leitor não concorde com algumas das suas conclusões arrojadas.

O problema da paz e da sua organização é, efectivamente, o problema crucial do nosso tempo, aquêle de cuja solução eficaz depende o presente e o futuro de todas as nações e de todos os indivíduos. Ninguém, portanto, argumentando com o seu egoísmo ou pretextando a sua ignorância pode conservar-se à indifferente à marcha dos acontecimentos, pensando ou fingindo acreditar, que o termo da guerra marcou para os povos o termo das suas dificuldades e das suas preocupações.

Que paz vai sair da guerra que há pouco viu o seu termo? Esta é a pergunta ansiosa que formulam, por toda a parte, os homens que não perderam inteiramente o sentido das realidades nem a noção das responsabilidades. É a essa pergunta que o professor Carr responde com a publicação do seu livro que tem sido unanimemente considerado, mesmo pela crítica mais exigente, como um documento definitivo do nosso tempo e como um resumo exaustivo das grandes aspirações da humanidade. Ler esse livro é antecipar o conhecimento das condições, nem sempre fáceis de prever, em que dirigentes responsáveis nos diversos países procurarão satisfazer essas aspirações.

«O velho mundo morreu, diz o professor Carr numa passagem da sua obra famosa que a Editorial Século acaba de revelar ao nosso público. O futuro pertence aquêles que se decidiram a voltar-lhe as costas e a encarar o mundo novo com compreensão, coragem e imaginação». Esta síntese do pensamento do autor basta

para resumir o sentido profundo da obra que tendo alcançado lá fora um êxito sem precedentes vai decerto ter entre nós o acolhimento correspondente à sua importância e à sua projecção moral e política. Não há sombra de exagero na afirmação de que as «Condições de Paz» do professor Carr são uma das obras mais representativas do tempo em que vivemos.

A Torre Eifel Lisboaeta

(Continuação da página 15)

vador de Santa Justa foi construído por Mesnier do Ponsard, iniciando a sua actividade em 1901. Desde então, raro parou. Que nos lembre, só doenças passageiras. Só dorme de noite, as cabines em baixo, moderníssimo, ali ao pé das muralhas do convento do Carmo, que têm séculos. O contraste é flagrante. Entre os dois, quasi se pode dizer, cabe a crónica alfacinha, enraizada no passado, mas urbanisticamente hodierna... mesmo sem o arranha-céus que faltam esta variada parada de estilos de construção que dão a Lisboa desarrumada, a cavalo nas suas sete colinas, fugindo pelos vales, um aspecto único de arquitectura doidivas. Mas não será o gigante de ferro um autêntico arranha-céus? Pelo menos, faz-se de conta. Como ilusão, é suficiente.

Rogério Pérez

Todos devemos ter...

(Continuação da página 24)

dinárias da cozinha é o chão — é um chão de cimento todo emplado de bôlhas de ar para proporcionar um piso fofo e elástico como o da relva, outro exemplo da maneira como os técnicos da Grã-Bretanha se ocupam da comodidade da dona da casa que, trabalhando numa cozinha destas, nunca terá a queixar-se de dor nos pés.

Comodidades gratuitas

Mas há mais: — Uma associação que tem estado a proceder a investigações aturadas sobre a melhor maneira de utilizar combustíveis sólidos pro-

DIADERMINE creme medicinal
BONETTI de beleza



O Papá barbeia-se com prazer porque a DIADERMINE Bonetti apaga o ardor da navalha.

A Mamã assegura a sua beleza — de manhã protege a sua tez; à noite, limpa a cutis com DIADERMINE Bonetti.

O Néné já não chora de noite, porque o emprêgo de DIADERMINE Bonetti poupa-lhe vermelhidões, irritações das nádegas, etc., sem manchar a roupa.

O creme da família
Boião individual: 10\$00 — Boião familiar: 32\$00

É vendido nas perfumarias, drogarias e farmácias, mas não se deixe «impingir» imitações sem o nome «Bonetti» ou preparados vendidos a granel. Exija o boião azul de origem.

OFERTA — Toda a leitora desta revista goza da regalia de receber os dois tratados de higiene e beleza, gratuitos, ao mesmo tempo que um boião individual de DIADERMINE Bonetti, bastando enviar Esc. 10\$00 aos Agentes da DIADERMINE Bonetti, Rua da Assunção, 88-2.º, Lisboa, lembrando este anúncio. O dinheiro é só para o produto; o porte e os livros são grátis.

ANUNCIAR NO Mundo Gráfico

COMER
É UMA
ALEGRIA!



Desapareceu-me
a indigestão

Escusa de continuar a ser esquisito com a comida desde que faça desaparecer o excesso de acidez das suas funções digestivas. As perturbações do estômago, são rapidamente eliminadas com a Magnésia Bisurada. Basta uma colherzinha de pó ou 2 a 4 comprimidos de Magnésia Bisurada para, neutralizando essa hiperacidez, acabar com os arrotos, sensação de peso e outros sofrimentos semelhantes e da mesma origem. Não é preciso sofrer.

DIGESTÃO ASSEGURADA
com
**MAGNÉSIA
BISURADA**

À venda em todas as farmácias, em pó ou comprimidos, a 15\$00 e 23\$00.

A. P.

composição Mentholum 8 grs - Methylum Salicylicum 8 grs
Lanolinum Anhydricum 16 grs



BAUME BENGUE
ANALGÉSICO
GÔTA, REUMATISMOS
E NEURALGIAS

Dr. BENGUE, Farmacêutico de 1.ª classe
pela Faculdade de Paris

O mais antigo Analgésico de resultados seguros

Um medicamento que deve existir em todas as casas,
Alívio rápido, após a primeira aplicação.

À venda em todas as farmácias do País. — Escudos: 15\$00

O crime da guerra

(Continuação da pag. 5)

Em tanta mentira tenebrosa engendrou-se esta guerra, que foi um segundo crime, maior que o primeiro, a qual só foi possível por se terem deixado impunes as potências do mal que haviam desflagrado a primeira.

Agora o caso é diferente! A justiça vai pronunciar-se, serena, mas absoluta, segura da sua força implacável.

Uma única coisa há que pedir-lhe do fundo das consciências, como uma súplica de amor, de respeito e de confiança à vida: Justiça!

A B. B. C. FALA E O MUNDO ACREDITA



Uma lição no curso especial de estudos técnicos para o pessoal da B. B. C.



Aspecto de um dos gabinetes da secção editorial



Duas «vedetas» da Rádio de Londres transmitem um programa para as tropas inglêsas que se encontram no Oriente



Uma empregada na secção de correspondência

A grande sala dos serviços de escuta





**MUNDO
GRÁFICO**

OS MARINHEIROS BRITANICOS ROCEGAM AS MINAS